



www.migrantour.org

Em viagem para descobrir o mundo em casa.

Os bairros multiétnicos mostram-nos como as migrações são um fator de enriquecimento e transformação das cidades europeias. Novas comidas, hábitos, locais de culto, estilos de vida e uma infinidade de histórias à espera de ser contadas e ouvidas para favorecer um encontro realmente intercultural. A partir de hoje, graças ao projeto Migrantour, em nove grandes cidades -Turim, Milão, Génova, Florença, Roma, Marselha, Paris, Valência e Lisboa é possível viver uma nova experiência de turismo urbano, acompanhada por cidadãos de origem estrangeira através das culturas do mundo, para efetuar uma pequena, grande viagem em casa.

MIGRANTOUR, O MUNDO NA CIDADE



MIGRANTOUR, O MUNDO NA CIDADE

Passeios interculturais em Florença, Génova, Lisboa, Marselha, Milão, Paris, Roma, Turim e Valência

Co-funded by



MygranTour: an European network of migrant driven intercultural routes to understand cultural diversity", HOME/2012/EIFX/CFP/4241



Migrantour. O mundo na cidade

Passeios interculturais em Florença, Génova, Lisboa, Marselha, Milão, Paris, Roma, Turim, Valência

Coordenado por: Francesco Vietti

Publicação concebida por: Francesco Vietti, Enrico Marletto, Sara Marazzini, Stefania Carrara

Textos: Rossella Semino (Génova), Chiara Trevisani (Florença), Filipa Bolontinha (Lisboa), Maya Collombon, Remi Bellia (Marselha), Gabriele Zoja (Milão), Stefan Buljat (Paris), Laura Valieri, Rosina Chiurazzi (Turim), Tomas Eduard de los Santos (Valência)

Com o contributo de: Enrico Marletto, Emilia Thebaud, Federica Turetta, Jomahe Solis, Laura Fusca, Letizia Roffia, Matteo Ippolito, Sara Marazzini, Stefania Carrara

Edição: Francesco Vietti

Projeto gráfico e paginação: Altra Economia Soc. Coop., www.altreconomia.it

Primeira edição: abril 2015. Impressão: New Press, Como

Tradução em português por Rui Alexandre Barreira Gonçalves

Parceiros projeto Migrantour

Fondazione ACRA-CCS www.acraccs.org

Viaggi Solidali www.viaggisolidali.it

Oxfam Italia www.oxfamitalia.org

Baština www.bastina.fr

Marco Polo Échanger Autrement www.marcopolo.asso.fr

Associação Periferias del Mon www.periferias.org

Associação Renovar a Mouraria www.renovaramouraria.pt

Instituto Marquês de Valle Flôr (IMVF) www.imvf.org

EARTH - European Alliance for Responsible Tourism and Hospitality <http://earth-net.eu>

Em colaboração com:

Nessuno Escluso onlus www.nessunoesclusoonlus.it

Casba società cooperativa sociale www.coopcasba.org

CADR (Collectif des Associations de Développement en Rhône-Alpes) Réseau DéPart www.cadr.fr

Rhône-Alpes) Réseau DéPart www.cadr.fr



Para mais informações
www.migrantour.org
info@migrantour.org

Esta publicação é realizada no âmbito do projeto “MygranTour: an European network of migrant driven intercultural routes to understand cultural diversity”, HOME/2012/EIFX/CFP/4241, financiada pela União Europeia.

O conteúdo desta publicação é da exclusiva responsabilidade da Fundação ACRA-CCS e não pode, em caso algum, ser considerado como expressão das posições da União Europeia.

Na capa: Génova (Natia Docufilm); Siga, guia intercultural - Paris (Baština); cabeleireiro africano - Lisboa (Carla Rosado); Via Paolo Sarpi - Milão (Natia Docufilm); mesquita de Baitul Mukarram - Lisboa (Carla Rosado); Erii, guia intercultural - Florença (Giovanna Burgos); gastronomia peruana - Turim (Aldo Pavan); Torpignattara - Roma (Simona Fossi), Belleville - Paris (Baština), Esquilino - Roma (Simona Fossi), mercado central - Valência (Francesco Vietti).

Todos os mapas neste livro foram produzidos por LS Cartography (www.mapmovie.it)

Índice

Prefácio **pág. 5**

Introdução **pág. 7**

Em viagem para descobrir o mundo em casa

- Cidades, turistas, migrantes: do *slumming* ao turismo responsável
- A rede Migrantour
- As cidades, os itinerários e os rostos Migrantour

 Migrantour **TURIM** **pág. 17**

 Migrantour **MILÃO** **pág. 25**

 Migrantour **GÉNOVA** **pág. 33**

 Migrantour **FLORENÇA** **pág. 41**

 Migrantour **ROMA** **pág. 49**

 Migrantour **MARSELHA** **pág. 57**

 Migrantour **PARIS** **pág. 65**

 Migrantour **VALÊNCIA** **pág. 73**

 Migrantour **LISBOA** **pág. 81**

Conclusões **pág. 89**

- A viagem continua!
- Juntos com Migrantour: Nápoles, Leon, Varese e Arezzo
- Além Migrantour: Nova Iorque, Hong Kong e outras



● Banca de hortaliça chinesa em Porta Palazzo, Turim.
Fotografia: Photo Aid

Prefácio



Alguém que observe com olhar atento as cidades europeias e os seus habitantes, não pode deixar de notar como as migrações, desde sempre fator de transformação urbana, são um fenómeno transnacional que cria fortes laços entre pessoas e famílias deslocadas em diversos territórios e com diversas culturas. Esta constatação levou a desenvolver a ideia de promover uma forma de turismo responsável “de quilómetro zero” que tivesse como protagonistas concidadãos provenientes também de mundos longínquos. Uma proposta lançada em Turim, em 2010, através do primeiro curso para “guias interculturais” promovido por Viaggi Solidali, operador de viagens de turismo responsável, em colaboração com as ONG Oxfam Itália e ACRA-CCS.

Visto o sucesso encontrado e a multiplicação de demonstrações de interesse por parte de outras realidades italianas e europeias, pensou-se em desenvolver uma rede europeia de cidades em que se proponham itinerários urbanos interculturais acompanhados por cidadãos de origem migrante e dirigidos a residentes, turistas, estudantes e a todos os que tenham curiosidade em descobrir o território com olhares diversos. Nasceu assim, em 2014, o projeto “*MygranTour: a European network of migrant driven intercultural routes to understand cultural diversity*”, cofinanciado pela União Europeia e promovido pela Fundação ACRA-CCS, Viaggi Solidali e Oxfam Itália, Marco Polo Échanger Autrement e Baština Voyages (França), Associació Perifèries del Mon (Espanha), Instituto Marquês de Valle Flôr e Associação Renovar a Mouraria (Portugal), Earth (Bélgica).

Nas novas cidades inicialmente identificadas pelo projeto (Turim, Milão, Génova, Florença, Roma, Marselha, Paris, Valência, Lisboa) e noutras que aderiram nestes meses, realizaram-se estudos sobre os bairros multi-culturais, cursos de formação, novos itinerários, ateliers e passeios para escolas e cidadãos. O nosso objetivo é favorecer a integração dos cidadãos

de origem estrangeira nas cidades abrangidas através da compreensão e do respeito entre os residentes. A criação de uma rede europeia parece-nos o instrumento mais adequado não só para multiplicar o impacto da iniciativa, garantir a partilha de boas práticas e difundir esta metodologia inovadora que visa reforçar a coesão social e uma verdadeira cidadania europeia, como também constituir, numa ótica de sustentabilidade, uma oportunidade de rendimento complementar para os guias interculturais envolvidos.



Todas as informações sobre o projeto e os materiais complementares de comunicação à presente publicação estão disponíveis no site internet: www.migrantour.org.



Faça o scan do QR para aceder à página com os vídeos de apresentação dos percursos.



● Chinwe acompanhante intercultural
Migrantour Florença
Fotografia: Giovanna Burgos

Introdução



EM VIAGEM PARA DESCOBRIR O MUNDO EM CASA

Sara entra na Mesquita da Paz, seguida por um grupo de vinte e cinco mulheres que acompanha pelo bairro turinês de Porta Palazzo. Os pais de Sara são egípcios, imigrados em Turim há muitos anos, a cidade onde Sara cresceu, onde estuda na universidade e onde ao sábado trabalha ao lado do pai, ajudando-o na sua banca de fruta e hortalça no coração do mercado. As mulheres que acompanha pelo interior da sala de oração islâmica são italianas, na maioria concidadãs turinesas, que decidiram participar num passeio muito especial por ocasião do Dia Internacional da Mulher: **um itinerário concebido por mulheres migrantes para falar com outras mulheres**, uma ocasião de partilha, conhecimento recíproco e reflexão sobre temas que unem e em que se debate, um modo original de caminhar pela cidade, de observar o território, de descobrir sítios pouco conhecidos e imaginados como dificilmente acessíveis.

Na mesquita, Sara falará do véu e dos cinco pilares do Islão, mostrará como se usa o *kajal* para sublinhar a beleza dos olhos e dará a passar, de mão em mão, um frasquinho com uma perfumadíssima água de rosas. Nos mesmos instantes, Madhobi acompanha o seu grupo ao longo das ruelas do bairro de Torpignattara, em **Roma**. Madhobi nasceu no Bangladesh e cresceu na “Cidade Eterna”, onde atualmente estuda línguas na universidade. Também aqui muitas das suas concidadãs romanas decidiram **inscrever-se num passeio totalmente “feminino”**: visitarão juntamente lojas plenas de *sari*, aprendendo a vesti-los e a combiná-los com as jóias; experimentarão a arte das tatuagens com *henné* e provarão saborosos alimentos cozinhados por ocasião dos casamentos e outras cerimónias. Finalmente encontrar-se-ão com mulheres de uma Associação bengali para um intercâmbio de usos e tradições femininas. Sempre às mesmas horas, também Erii, em Florença, acompanha a edição especial do passeio Migrantour para 8 de março: as suas origens japonesas



permitted-lhe explicar melhor que ninguém e com grande emoção a complexa cerimônia para vestir o *kimono* e a particular função das *geishe* na cultura japonesa e no imaginário ocidental sobre a feminilidade oriental.

Em **Milão**, entretanto, Emma, professora de inglês de origens bolivianas, descobre a *via Padova* (rua Pádua) através de figuras históricas de mulheres que fizeram a diferença pelo seu país, os fluxos migratórios da América Latina, projetos de integração a favor das mulheres migrantes, mas também a partilha de receitas e tradições familiares ligadas ao mundo feminino.

E ainda, enquanto tudo isto acontece em Itália, também em **Lisboa**, capital de Portugal, um grupo de mulheres passeia pelas ruas e praças do bairro da Mouraria: aqui Argentina e as outras guias interculturais formadas pelo projeto Migrantour guiam o passeio “*A Mulher no Bairro da Mouraria*”, um itinerário através dos muitos modos de ser mulher no mundo, um percurso que parte da história local do fado para aportar em Moçambique, para aprender por exemplo como se veste uma capulana, o tradicional tecido que as mulheres usam para se vestir e para levar as suas crianças às costas; ou na Índia, para aprender como fazer um *chai*, o típico chá condimentado com especiarias.

Não é por acaso que Sara, Mirela, Madhobi, Erii, Emma e Argentina no mesmo dia, a alguns milhares de quilómetros de distância, acompanham mais de uma centena de mulheres a fim de descobrir a natureza intercultural dos seus bairros, e que a mesma coisa tenha acontecido também noutras cidades italianas e europeias. Este dia especial, que tanto interesse suscitou no público, é o fruto de uma história iniciada há alguns anos, a que é dedicada esta publicação. É a história de **um novo modo de ver as cidades e a história de migrações que as transformaram**: a história dos percursos urbanos interculturais da rede Migrantour.



Cidade, turistas, migrantes: do *slumming* ao turismo responsável

Nos últimos anos do século XIX em Londres, e um pouco mais tarde em Nova Iorque, difundiu-se uma nova moda entre as classes mais abastadas: fazer *slumming*. Fidalgos e damas adquiriram o hábito de “andar por *slums*” pela curiosidade de ver como viviam os imigrados, “pessoas das quais se ouvia falar, mas de que nada sabiam, como se se tratasse de habitantes de algum estrangeiro e longínquo país”. Iniciou, assim, o processo que rapidamente transformaria os bairros das grandes metrópoles sujeitas a fortes fluxos de imigração em sítios turísticos. Este género de turismo urbano foi de imediato interpretado como ambíguo, problemático, mas também dotado potencialmente de uma grande força transformadora a nível político. Para

muitos burgueses abastados, os passeios nos *slums* não foram mais que um passatempo útil para satisfazer o seu gosto pelo exótico; todavia, para outros turistas, as visitas assumiram um interesse diferente. Pensemos no que acontece em Nova Iorque: num curto espaço de tempo as condições de vida dos imigrados, que viviam pobremente em Chinatown, Harlem e no Lower East Side de Manhattan, onde se ia para ver “os judeus e os italianos”, passaram para o centro da atenção da opinião pública e do debate político. As viagens inspiraram filantropos, intelectuais e homens políticos, dando início à criação de associações de beneficência e importantes reformas no campo sócio assistencial.

No decorrer de algumas décadas, as grandes metrópoles internacionais iniciaram a construção de uma parte da sua atratividade turística sobre o tema da diversidade étnica, cultural e religiosa. Nova Iorque fez das suas Little Italy, Little Odessa e Little India o traço distintivo de uma imagem baseada na imagem sobre a turistificação do *melting pot*; Paris elaborou o fascínio *bohémien* do seu Bairro Latino; São Francisco propôs a sua Chinatown como modelo para todos os bairros chineses que se iam formando nas Américas, na Europa e na Oceânia. Precisamente, as Chinatowns, com o seu alto grau de elaboração estética e estilização arquitetónica, tornaram-se no decorrer do século XX no símbolo da afirmação dos “bairros étnicos” como locais de divertimento e consumo da diversidade.

No segundo pós-guerra, e ainda mais nos últimos trinta anos com a aceleração dos processos de globalização cultural e económica, em muitas mais cidades europeias surgiram bairros descritos pela sua essência como “multiétnicos”, tornando-se meta de significativos fluxos turísticos: basta pensar no Raval de Barcelona e no Kreuzberg, o “bairro turco” de Berlim. Paralelamente à narrativa dominante, que descreve as zonas metropolitanas sujeitas a forte imigração como locais de pobreza e degradação, **estruturou-se um discurso narrativo alternativo que apresenta os “bairros étnicos” como locais de encontro com as diversas dimensões de um “multiculturalismo quotidiano”**. Dos kebab que rodam nas montras das gastronomias turcas aos take-away orientais, passando pelos CD musicais berberes, especiarias, vestidos de noiva indianos, estátuas de Buda, malas e ponchos andinos: grande é a variedade de objetos e produtos que simbolizam e tornam tangível a diferença cultural e à altura de atrair o “olhar turístico”. Num dos mais conhecidos e completos estudos sobre este tema, a publicação “*Selling Ethnic Neighborhoods: The Rise of Neighborhoods as Places of Leisure and Consumption*”, coordenada pelos antropólogos Volkan Aytar e Jan Rath em 2012, sublinha-se o significado ambivalente dos processos de “turistificação” da diversidade cultural trazida pelas migrações. Por um lado, emerge a vitalidade e o protagonismo dos próprios migrantes, e particularmente dos empreendedores



empenhados nos diversos sectores do “business étnico” em atrair visitantes e investimentos para os bairros onde desenvolvem as suas atividades. Por outro, não faltam capacidades críticas ligadas a dinâmicas de transformação e “requalificação” do território planificadas pelas administrações públicas e investidores internacionais que visam a gentrificação dos bairros étnicos e que, portanto, acabam por marginalizar, se não expulsar totalmente os migrantes aqui residentes, logo, excluindo-os dos benefícios trazidos pelo fluxo dos visitantes.

Estas análises críticas tornam evidente como a **ligação entre migrações, turismo e cidade é um fenómeno complexo, rico em potencialidades, mas também com riscos** que são afrontados com consciência e sensibilidade pelo seu significado simbólico e político. Por esta razão, o olhar desenvolvido pelo turismo responsável no âmbito de uma já consolidada reflexão sobre o impacto económico, social e cultural do turismo nos países do Sul do mundo, pareceu a aproximação mais adequada para imaginar um modo inovador e partilhado em valorizar o contributo que gerações de migrantes deram à história das cidades europeias. Para evitar a comercialização da diversidade, reduzindo-a a uma mercadoria a promover e vender ao melhor preço, ou de pintá-la em termos de folclore e exotismo, acrescentando aos preconceitos já existentes sobre os migrantes posteriores estereótipos para uso e consumo dos turistas fascinados pelo gosto da alteridade, pensou-se colocar no centro da planificação os temas do *encontro* e da *participação*. Um encontro que vê como protagonistas quem vive, trabalha e frequenta os bairros multiculturais, pessoas que habitam desde há tempos mais ou menos longos nas nossas cidades e que desenvolveram a vontade de contar a sua história de vida e a sua relação com a terra onde vivem. Cidadãos chamados a imaginar, construir e também a acompanhar itinerários urbanos interculturais. É através desta participação ativa que as pessoas e os locais podem adquirir o direito a autorrepresentar-se e não a ser representados, e é deste crucial ponto de partida que teve início a viagem do projeto Migrantour.



A rede Migrantour

Os primeiros passos foram dados em Turim, capital de Piemonte, região do noroeste de Itália a poucos quilómetros dos Alpes e da fronteira francesa e com uma longa história de migrações atrás de si. É aqui, e em particular na área do grande mercado de Porta Palazzo que, pela primeira vez, em 2009, a cooperativa Viaggi Solidali, operador de viagens em exercício desde há muitos anos no campo do turismo responsável, pensou em abranger um grupo de migrantes da velha e nova geração residentes no bairro na qualidade de guias de passeios urbanos especiais. A ideia surge de duas simples

considerações: Turim, contrariamente a outras cidades europeias, não tinha ainda valorizado a riqueza intercultural dos bairros onde historicamente se tinha estratificado uma forte presença de cidadãos de origem estrangeira. Para compreender a realidade social, a vida quotidiana destas zonas, não havia melhor modo do que entrar em contato com os residentes e fazer-se acompanhar pelos locais. “Locais”, prescindindo de qual fosse a região ou o seu país de origem ou dos seus pais.

A iniciativa turinesa, apoiada desde o início pelas ONG ACRA-CCS e Oxfam Itália, prossegue nos anos seguintes sendo muito bem correspondida com a participação do público e o interesse por parte dos meios de comunicação e do mundo académico, constituindo a base de conceção do projeto europeu Migrantour. ACRA-CCS e Oxfam Itália trouxeram os seus conhecimentos e competências no âmbito de projetos a favor da integração de cidadãos de países terceiros e da coesão social, bem como uma grande atenção em relação aos valores éticos e às boas práticas para apoio a uma plena cidadania europeia. Todas as três realidades, associadas entre outras da **Associação Italiana Turismo Responsável (AITR)**, identificaram depois uma série de parceiros em diversos países europeus com uma reconhecida experiência no campo da formação intercultural, das políticas e práticas de integração dos migrantes, do turismo responsável como fator de desenvolvimento sustentável do território. Constitui-se, assim, a rede Migrantour, a operar em Itália, em Turim com Viaggi Solidali, em Milão e Génova com ACRA-CCS, em Roma e Florença com Oxfam Itália, em França, em Marselha com a Associazione Marco Polo Échanger Autrement e em Paris com o tour-operator Baština Voyages, em Espanha, em Valência com a Associação del Mon e em Portugal, em Lisboa, com a Associação Renovar a Mouraria e a ONG Instituto Marquês de Valle Flôr (IMVF). Subscreveu-se também uma posterior e importante parceria com a EARTH, European Alliance for Responsible Tourism and Hospitality, com sede em Bruxelas, na Bélgica.

A partir de dezembro de 2013 e durante cerca de um ano e meio, cada cidade teve perante si um intenso programa de atividades a desenvolver e objetivos a alcançar. Em primeiro lugar, uma fase preliminar de estudo para delinear o quadro da história de migrações que transformaram os vários territórios e para identificar os bairros onde se iriam concentrar as sucessivas intervenções, em estreita colaboração com os organismos locais e as associações do território. O segundo passo teve a ver com o desenvolvimento de um curso de formação para as pessoas interessadas em se tornarem guias interculturais. Pessoas das mais variadas idades e origens, com diferentes percursos biográficos, estudos, competências anteriores e atividades laborais, mas associadas a algumas características fundamentais: um bom conhecimento da língua do país de residência, uma grande curiosidade pelo território e pela sua história,

a vontade de traduzir a sua experiência pessoal ou familiar de migração e de participação na vida social, cultural e económica da cidade numa narrativa capaz de transmitir aos outros os valores do diálogo intercultural. Os percursos formativos gratuitos em que os aspirantes a guias interculturais estiveram envolvidos tiveram o objetivo de reforçar tais predisposições. **Antropólogos, sociólogos, geógrafos e historiadores entrevistaram para transmitir conhecimentos relativos à relação entre migrações e território;** guias turísticos profissionais e especialistas da comunicação deram o seu contributo para ensinar técnicas de acompanhamento, gestão de grupo e uso da voz; especialistas dos mais diversos âmbitos (diálogo inter-religioso, alimentação e cozinhas do mundo, património museológico, etc.) foram chamados à causa para aprofundar temáticas para depois, com base nas mesmas, desenvolver os conteúdos dos passeios. No curso de formação também é prevista uma parte fundamental dedicada à investigação no campo e à construção participada dos itinerários por parte dos mesmos guias interculturais. Este foi um momento muito importante não só de aprofundamento pessoal, mas sobretudo de intercâmbio entre os vários participantes no curso, visto que todos os contatos, descobertas e escolhas foram partilhados, discutidos e, enfim, tornados parte do património comum de conhecimentos do grupo de trabalho.

Nasceram, assim, os diversos percursos Migrantour nas novas cidades aderentes ao projeto, enquanto, como veremos melhor nas conclusões desta publicação, também outras cidades se aproximavam à rede Migrantour dando início a iniciativas locais, em estreita ligação com os promotores da rede. Os últimos meses de atividades foram dedicados à verificação dos itinerários identificados através de uma série de passeios-piloto oferecidos gratuitamente aos cidadãos, turistas e estudantes, mas também a professores, jornalistas e representantes das instituições. Estes passeios foram uma importante ocasião para os guias interculturais se porem à prova, ultrapassar timidez e dificuldades, adquirir a correta experiência para falar em público, fazer face a condições meteorológicas e fatores ambientais e humanos desfavoráveis. Os passeios foram também adaptados para as escolas básicas e secundárias, com formação específica dos guias: os itinerários são, de facto, um eficaz instrumento para apoio aos percursos didáticos de Educação para a Cidadania Global. Acompanhados por ateliers adequados ou dotados de uma preparação ad hoc realizada pelos professores, permitem não só desconstruir estereótipos e preconceitos, mas também aprofundar no campo o significado de fluxos migratórios, processos de globalização, diálogo inter-religioso e cidadania ativa.



As cidades, os itinerários e os rostos Migrantour

Nas páginas seguintes pode-se ficar com uma ideia completa do que o projeto Migrantour realizou em cada cidade. Atualmente, graças ao trabalho dos parceiros locais, de dezenas de formadores, dos mais de 150 guias interculturais que frequentaram o percurso formativo, e dos muitos interlocutores nos territórios que colaboraram abrindo as suas portas e dedicando o seu tempo e atenção ao nosso trabalho (residentes, comerciantes, responsáveis de associações e locais de culto), estão em exercício mais de vinte itinerários interculturais.

Como podem ler nos capítulos dedicados a cada uma das cidades (**e nas páginas do website dedicado: www.migrantour.org**), cada contexto tem a sua específica história de migrações e o seu presente peculiar. Há cidades como Génova e Florença onde as migrações dialogam sobre uma longa história de viagens, turismo e explorações. Outras, como Lisboa e Marselha, onde as migrações atuais são o espelho dos complexos acontecimentos coloniais e pós-coloniais. Outras que ainda vivem, cada uma de um modo específico, as contradições e os dramas da contemporaneidade: em Paris, profundamente abalada pelo terrorismo precisamente nos meses do projeto; em Valência, que rapidamente perdeu uma parte substancial da população imigrada na sequência da crise económico-financeira e o desenvolvimento de um novo movimento de emigração.

Ter origens estrangeiras tem um significado e um impacto na vida das pessoas muito diverso nos vários países onde os itinerários se desenvolvem. Do mesmo modo, o diálogo intercultural a nível local move-se sobre pressupostos e objetivos específicos segundo o contexto político, social e educativo onde se opera. Migrantour move-se com o pleno conhecimento desta complexidade, adotando aproximações e metodologias flexíveis em cada contexto local: uma atenção ditada pelo respeito dos delicados processos de construção da cidadania e da identidade na história de cada pessoa e de cada território.

Os percursos Migrantour refletem as diversas histórias cidadinas, assim como as especificidades de cada bairro abrangido pelo projeto. De facto, devemos sempre lembrar que os passeios são sempre respeitantes a partes especiais do território urbano muitas vezes caracterizadas por uma certa descontinuidade em relação ao ambiente urbano circundante. Territórios centrais e caracterizados por uma ampla variedade de comunidades migrantes residentes, como na Porta Palazzo em Turim, no Esquilino em Roma ou na via Palazzuolo em Florença; ou a forte predominância de uma só nacionalidade, como no caso do bairro Canonica-Sarpi em Milão com a comunidade chinesa; ou ainda zonas multiétnicas localizadas em faixas mais periféricas da cidade, como por exemplo Torpignattara em Roma.

Em todos estes diversos contextos, os itinerários Migrantour procuraram





identificar temas e narrativas capazes de contar a história de migrações que transformaram o território no decorrer do tempo e o contributo específico que as diversas gerações de migrantes deram para o enriquecimento do património tangível e intangível da cidade. É uma característica comum a vontade de ler de modo diacrónico o fenómeno das migrações, identificando nexos e paralelismos entre os diversos fluxos no curso do tempo e oferecendo, deste modo, instrumentos de diálogo e compreensão recíproca entre residentes. Emergiu, assim, como todas as cidades se desenvolveram através de processos de mobilidade humana: primeiro por meio da urbanização de pessoas provenientes do mundo rural periférico aos grandes aglomerados urbanos, frequentemente atraídas pelos primeiros processos de urbanização; depois por uma ampla migração interna de tipo regional, que viu convergir para as metrópoles mais economicamente desenvolvidas migrantes provenientes de áreas mais pobres e desvantajosas (como no caso das migrações do Sul de Itália para as cidades do “triângulo industrial” formado por Milão, Turim e Génova); mais tarde uma fase de migrações coloniais e pós-coloniais, que sobretudo nalguns países, como em França e em Portugal, onde se geraram importantes cadeias migratórias das ex-colónias, muitas vezes acompanhadas pela paralela repatriação dos cidadãos originários da mãe-pátria, precedentemente emigrados para as possessões do ultramar. Finalmente, o período contemporâneo, com as migrações internacionais ligadas à globalização, às oportunidades de trabalho, à distribuição desigual de recursos e riqueza entre “centros” e “periferias” do mundo, às guerras, à falta de liberdade, à legítima aspiração de um número sempre crescente de indivíduos em melhorar as suas condições de vida atravessando as fronteiras nacionais e imaginando um futuro noutra lugar, onde existam maiores oportunidades de viver dignamente, realizar as suas potencialidades e, utilizando as palavras de Thomas Jefferson, procurar a felicidade: uma procura que, como demonstra sobretudo o caso da Espanha, vê atualmente também novos fluxos de emigração da Europa para outros países.

Alguns passeios propõem-se ilustrar tal complexidade através de itinerários criados de modo que, cada etapa permita aprofundar um determinado período histórico ou um específico fluxo migratório, de forma a recompor globalmente o mosaico intercultural do bairro. Por sua vez, outros passeios identificaram um tema específico para à volta do mesmo esclarecer a linha vermelha da narrativa: assim se fez por exemplo para o percurso parisiense à Goutte d’Or, dedicado ao mundo da moda e da alta-costura. Este itinerário é um bom exemplo também de outro fator que se encontra em vários passeios Migrantour: a complementaridade das visitas pelo território em relação a algumas exposições museológicas dedicadas aos temas das migrações. Além do caso parisiense, que abrangeu o *Musée de l’Histoire de l’Immigration*,

cita-se a este propósito a dupla colaboração iniciada em Génova com o *Galata - Museo del Mare*, que alberga a secção permanente “Memória e Migrações”, e com o *Castello d’Albertis - Museo delle Culture del Mondo*. O mais importante aspeto que une todos os itinerários que encontrarão descritos nesta publicação, e que poderão apreciar participando sobretudo na primeira pessoa nos passeios Migrantour, é constituído sem dúvida pelo contributo dos guias interculturais formados, verdadeiros protagonistas da iniciativa. **Mulheres e homens originários de mais de quarenta países do mundo e falando pelo menos trinta línguas diferentes**, todos eles com a sua bagagem de conhecimentos e os seus objetivos a atingir através do projeto: a vontade de encontrar novas pessoas, o desejo de transmitir o seu próprio amor pela cidade onde vivem, a possibilidade de adquirir um novo profissionalismo e, terminado o projeto, obter um rendimento através do desenvolvimento de uma atividade remunerada. A todos os que participaram no curso de formação e na criação dos itinerários foi pedido um esforço comum: cruzar as suas histórias pessoais ou familiares de migração com a história do território e da cidade, trocar os seus saberes com os dos outros guias como instrumento para construir um diálogo autenticamente intercultural, capaz de restituir a complexidade dos intercâmbios entre culturas que quotidianamente acontecem nos bairros onde se desenvolvem os passeios. Os itinerários de Migrantour são, no fundo, precisamente isto: um troço do caminho feito seguindo as pegadas de quem é capaz de agarrar os nossos medos e os nossos preconceitos para transformar as diferenças em riqueza extraordinária, multiplicando as ocasiões de encontro e diálogo. Voltar a casa com a consciência de ter feito uma grande viagem, sem nunca ter deixado a nossa cidade.



● O grupo dos acompanhantes de Turim.
Fotografia: Francesco Vietti

● Essediya durante o acompanhamento em Porta Palazzo.
Fotografia: Aldo Pavan



Turim



UMA HISTÓRIA DE MIGRAÇÕES

Para conhecer e compreender Turim é preciso entrar em contato com as múltiplas histórias de migração que desde sempre contribuíram para o desenvolvimento social, cultural, económico e urbano da cidade.

Nos primeiros anos do século XX, milhares de camponeses e pastores dos campos e montanhas piemonteses emigraram para Turim à procura de fortuna e emprego nas atividades da indústria então emergente, contribuindo para dar vida a novos bairros nas proximidades das oitocentistas “barreiras” dos impostos. A população passa de 300 mil para 700 mil pessoas.

Pelo contrário, entre os anos 50 e 70, novos fluxos migratórios provêm do sul de Itália e do Veneto atraídos pela fábrica, a FIAT, e pela sua atividade induzida, levando assim ao surgimento de novas instalações habitacionais nos bairros periféricos da Falchera, de Mirafiori Sul e das Vallette. Eram os anos em que nas ruas do centro da cidade se liam os cartazes com as expressões “não se alugam casas aos meridionais”: atualmente muitos turineses são filhos destas migrações. A população aumenta de 700 mil para 1 milhão e 200 mil habitantes.

Finalmente, a partir dos anos 80, também em Turim, como toda a Itália, conhece o fenómeno das migrações internacionais. Apanhando a linha 4 do comboio que atravessa toda a cidade de norte a sul pode notar-se como o território sofreu transformações ao longo do tempo: novos estabelecimentos do mundo, associações, locais de culto, de encontro e de trabalho testemunham a presença dos novos cidadãos. As velhas barreiras operárias e os bairros centrais readquiriram vitalidade. Entrando em qualquer casa de varandim do centro podem ver-se num nicho da entrada a estátua de Nossa Senhora, sempre com um vaso de flores frescas à frente, ouvir a voz do muezím a chamar os fiéis muçulmanos para a oração, observar um grupo de crianças de origem romena, peruana e chinesa a jogar à bola no pátio, ouvir o italia-

no, o piemontês e os dialetos do sul de Itália a conviver com as línguas do mundo. Este é o espelho da Turim multicultural onde vivem cerca de 140 mil novos cidadãos, 15,5 % da população total, segundo os dados de 2014 do Instituto de Estatística da Câmara. As comunidades mais representadas são a romena (cerca de 55 mil pessoas), seguem-se a marroquina (cerca de 20 mil), a peruana (cerca de 9 mil), a chinesa (cerca de 7 mil) e por fim, a albanesa (cerca de 6 mil).

OS BAIROS MULTICULTURAIS

Turim é totalmente para descobrir! Os cinco bairros escolhidos para os itinerários têm uma forte valência multicultural mas também histórica, arquitetônica e artística.

Porta Palazzo

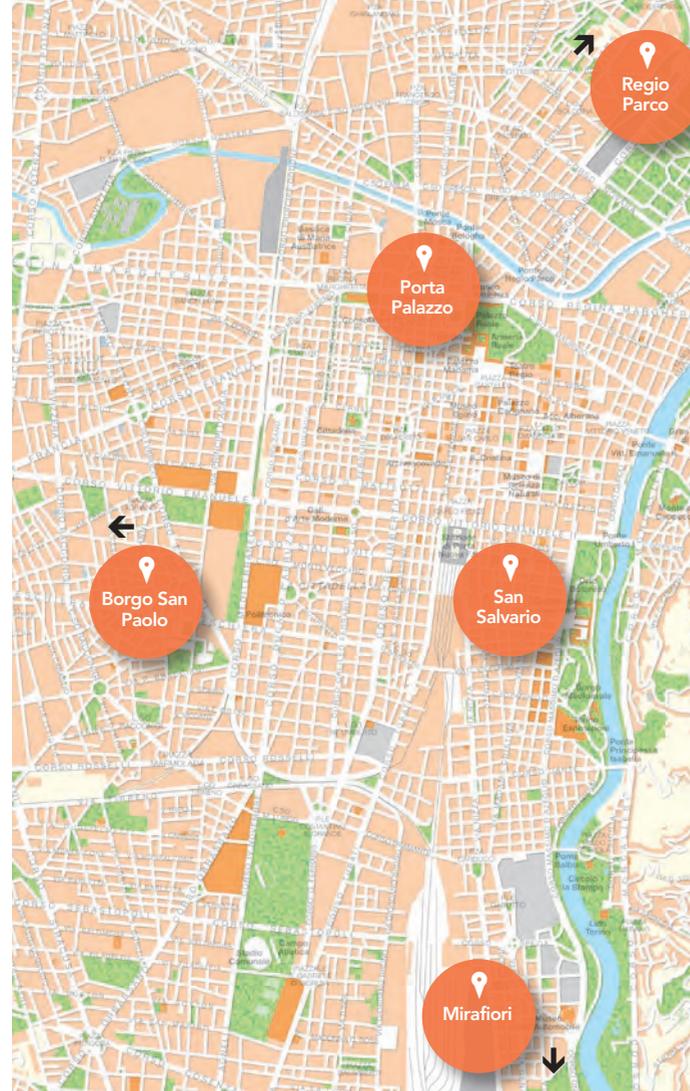
O coração da zona de Porta Palazzo é, sem dúvida, a octogonal Piazza della Repubblica, realizada entre os anos 700 e 800 por Filippo Juvarra e Gaetano Lombardi. A poucos metros de distância encontram-se a Galleria Umberto I, sede até 1884 do Hospital Mauriziano, as Porte Palatine, porta de entrada da romana Augusta Taurinorum e Borgo Dora, cujas estradas, em tempos sulcadas pelas *bealere* que levavam à água aos moinhos, conduzem atualmente à descoberta do Balón, conhecido como mercado das pulgas.

San Salvario

San Salvario cresce, sobretudo, na segunda metade do século XIX com a construção da estação de Porta Nuova (1861) e de locais de culto como o Templo Valdese (1853), a Sinagoga em estilo neomourisco (1884) e a Igreja de São Pedro e São Paulo (1865) criada para travar a investida protestante. O bairro é dotado, entre outros, do Parco del Valentino, pulmão verde nas margens do rio Pó, teatro do nascimento do cinema e das grandes Exposições Universais.

Borgo San Paolo

A arquitetura do bairro de finais do século XIX e início do século XX é caracterizada pelas fábricas, como a Lancia, pelas casas populares, pelas casas de banho públicas, pelas igrejas de Jesus Adolescente e de São Bernardino. O Borgo San Paolo é, no entanto e sobretudo um bairro de compromisso civil distinguido pelas lutas operárias e pela resistência antifascista, a que se deve o nome de “*Borgo Rosso*” (Bairro Vermelho).



1 Porta Palazzo

Partida: Galleria Umberto I

- A Antica Tettoia dell’Orologio (A Antiga Fachada do Relógio)
- O mercado do peixe
- Lojas à volta da praça

2 San Salvario

Partida:

Estação de Porta Nuova

- O Templo Valdese
- A Sinagoga
- A Igreja católica de São Pedro e São Paulo
- A sala de oração islâmica Omar Ibn Al Khattab

3 Borgo San Paolo

Partida: Livraria Belgravia

- Associações e projetos dedicados aos jovens da segunda geração
- A Igreja de Jesus Adolescente

4 Mirafiori Sud

Partida: Casa

- do Parco na Via Artom
- Centro Milarepa
- Igreja Ortodoxa romena

5 Regio Parco

Partida:

- Centro Intercultural da Cidade de Turim
- Regia Manifattura



MAPA TOUR 1



MAPA TOUR 2



MAPA TOUR 3



MAPA TOUR 4



MAPA TOUR 5



VÍDEO DOS TOURS DE TURIM



Mirafiori Sud

Os acontecimentos de Mirafiori, cujo nome deriva de um castelo dos Sabóia construído em 1585, estão indissoluvelmente ligados à FIAT, fábrica símbolo da produção italiana, e às casas populares da via Artom, sinónimo durante anos do imaginário coletivo de privações e pobreza. Atualmente, graças a um Programa de Recuperação Urbana, o bairro é um estaleiro social em potência cujo epicentro é representado pelo Parco Colonnetti e pela Casa del Parco.

Regio Parco

Regio Parco tem o nome de uma herdade dos Sabóia, onde em 1789 será construída a *Regia Manifattura Tabacchi* (Fábrica de Tabaco) que dará vida ao bairro do mesmo nome. Em 1889, para os trabalhadores da Manifattura, ou para bem dizer para as trabalhadoras, porque 80% dos empregados eram mulheres, será construída a Igreja de São Gaetano de Thiene, bem como, para os seus filhos, a creche Umberto I (1880) e a escola Abba (1882).



OS PERCURSOS MIGRANTOUR

1 A volta ao mundo numa praça: Porta Palazzo

Em Porta Palazzo, no maior mercado aberto da Europa, as distâncias anulam-se. Iniciarão na oitocentista Galleria Umberto I, onde se conhecerão as

lojas históricas, os antigos frigoríficos e o pavilhão *liberty* da Antica Tettoia dell'Orologio (Antigo Alpendre do Relógio). Serão transportados para um porto do sul de Itália entrando no mercado do peixe, para prosseguir para a Ásia, a África e a América Latina nas lojas que circundam a praça.

2 United Colors of San Salvario

Passeando entre as vie di San Salvario, bairro modelo de integração e requalificação urbana, farão uma viagem pelas religiões do mundo. Partindo da estação de Porta Nuova chegarão ao Templo Valdese, para prosseguir o itinerário para a Sinagoga, a Igreja católica de São Pedro e São Paulo e terminar na sala de oração islâmica Omar Ibn Al Khattab.

3 Borgo San Paolo sem fronteiras

Borgo San Paolo, o “borgo rosso” da resistência antifascista, é o bairro mais latino-americano de Turim. Partirão da livraria Belgravia para uma breve viagem pela literatura da América Latina, para prosseguir depois com a visita de associações e projetos dedicados aos jovens de segunda geração e conhecer, na Igreja de Jesus Adolescente, as celebrações do Señor de los Milagros.

4 Mirafiori, da cidade-fábrica à cidade-mundo

O itinerário parte da Casa del Parco na via Artom, onde conhecerão as histórias dos operários da FIAT e das migrações internas italianas entre os anos 50 e 70, e prosseguirão para o Centro Milarepa para um encontro com monges tibetanos. Ao longo do percurso entrarão em lojas do mundo e finalmente chegarão à Igreja Ortodoxa romena em madeira, construída na Roménia pelos mestres navais de Maramures.

5 Regio Parco no centro da intercultura

Em Regio Parco, as culturas encontram-se e dialogam. Partirão do Centro Intercultural da Cidade de Turim, que todos os anos propõe atividades para favorecer o conhecimento e o intercâmbio entre cidadãos de diversa origem, para depois continuar para a Regia Manifattura Tabacchi e concluir o itinerário na Alma Mater, uma associação totalmente feminina onde se valorizam as competências e os talentos das mulheres, mais uma vez sob o emblema da intercultura.

Para concluir ocorre acrescentar que, além dos cinco percursos de que se falou, Migrantour Turim dirigiu-se também a dois territórios exteriores ao Município (ao bairro circundante à Reggia di Venaria Reale, conhecida residência dos Saboia, e à cidadina Cuorgnè, na região canavese), onde foram realizados outros tantos itinerários interculturais.



● Largo Saluzzo e a Igreja Católica em San Salvario.
Fotografia: Ornella Orlandini

● A visita à Mesquita da Paz em Porta Palazzo.
Fotografia: Francesco Vietti



AS VOZES DOS GUIAS INTERCULTURAIIS

O momento do encontro é uma componente fundamental dos itinerários Migrantour e graças às vozes dos guias interculturais, que partilharão convosco experiências e histórias de vida, entrarão em contato com a Turim multicultural. Vozes, sobretudo, femininas com proveniências várias da África (Marrocos, Tunísia, Senegal e Sudão), da América Latina (Colômbia, Equador e Peru), da Ásia (China e Uzbequistão) e da Europa (Itália e Roménia).

Vozes como a de Essediya, mãe marroquina, que construiu ao longo do tempo sólidas relações sociais com os atores do território e que vê no projeto Migrantour a oportunidade de encontrar um trabalho e ao mesmo tempo contribuir para esbater estereótipos e preconceitos:

“Vivo no bairro de Porta Palazzo onde faço todas as minhas compras e conheço muitas pessoas. Inscrevi-me no curso para guias interculturais porque espero encontrar um trabalho e também ajudar a mudar a mentalidade das pessoas e o olhar que muitas vezes infelizmente têm quando olham para nós marroquinos e para os árabes em geral”.

Ou como a da Adriana, jovem da segunda geração, o grupo mais numeroso do projeto, que decidiu participar para melhor conhecer o território e valorizar a sua identidade plural:

“Participar no projeto Migrantour levou-me a descobrir aspetos de Turim que não conhecia, fiz reflorescer recordações da minha infância em Bogotá, fez-me sentir uma pessoa com muita sorte: sim, porque percebi que não devia ser só colombiana ou italiana, mas de poder ser um mix das duas culturas sem perder a minha autenticidade”.

Além das cinco vozes dos guias interculturais são fundamentais as dos interlocutores que se encontram no território disponíveis para o encontro e para o diálogo: responsáveis de locais de culto e de associações, representantes de instituições, comerciantes. Vozes como a de Ayoub, natural de Chieri, distrito de Turim, responsável dos GMI (Jovens Muçulmanos de Itália) de Turim, que explica o porquê da sua ativa participação nos encontros realizados durante os itinerários interculturais:

“Ainda somos vistos como estrangeiros, não pelo facto de ser de origem marroquina ou tunisina, mas pelo fato de ser muçulmanos. Fazer os encontros é um modo para encurtar as distâncias. Muitos jovens quando entram na mesquita olham-nos pensando que nós vivemos de maneira diferente e depois descobrem que somos exatamente como eles”.

Migrantour Turim não teria sido possível sem o preciso apoio da Tutora, Rosina Chiurazzi e dos nossos acompanhantes interculturais:

Martha Acosta, Yamna Amellal, Nyanwily Arop Miniél Knol, Nymliet Arop Miniél Knol, Najja Baaziz, Karima Ben Salah, Lassaad Bouajila, Ramona Bulhac, Rita Catarama, Monica Ilies, Sara Jedidi, Mamadou Kane, Diana Carolina Leon, Essediya Magboul, Ivana Nikolic, Roxana Obreja, Silviu Obreja, Adriana Offredi, Maria Paola Palladino, Cynthia Milena Salinas Galindo, Nargisa Salokhutdinova.

Um especial agradecimento a:

ASAI (Associação de Animação Intercultural); Associação Alma Terra; Associação Camminare Insieme; Centro Intercultural da Cidade de Turim; Departamento de Culturas, Política e Sociedade da Universidade de Turim; Ecomuseo da Circunscrição 6 de Turim; FIERI (Fórum Internacional e Europeu de Investigações sobre a Imigração) Fundação Mirafiori; GMI (Jovens Muçulmanos de Itália) Secção de Turim; Projeto Green Back 2.0 do Banco Mundial; Projeto Luoghi Comuni Porta Palazzo; Projeto Paradero Nomis da Cooperativa Esserci.



● Ornamentos para o Ano Novo Chinês,
zona Paolo Sarpi.
Fotografia Natia Docufilm



Milão



UMA HISTÓRIA DE MIGRAÇÕES

Milão e a Lombardia interessaram-se pelo fenómeno da emigração desde os finais do século XIX. Entre a Unidade da Itália e a Primeira Guerra Mundial partiram quase um milhão e meio de pessoas: os países de destino eram os mais variados, mas em particular os Estados Unidos, Argentina e Brasil. A partir do segundo pós-guerra, Milão tornou-se, pelo contrário, meta de migrações internas, na maioria da Calábria e da Sicília.

A presença de migrantes estrangeiros na capital é, por sua vez, um fenómeno que só assumiu uma dimensão relevante desde o início dos anos 80 e diferenciando-se progressivamente não só quanto a áreas de proveniência, mas também no seu perfil demográfico e profissional. Inicialmente, os migrantes que chegavam a Milão fixavam-se na faixa logo a seguir aos muros espanhóis. Os motivos desta escolha eram a procura dos baixos preços de arrendamento daquelas zonas e o perfil ocupacional dos trabalhadores migrantes, predominantemente empregados no sector dos serviços e em atividades domiciliárias junto de famílias residentes na zona. Em finais dos anos 90, os bairros de mais elevada presença de estrangeiros eram zonas centrais e semicentrais da cidade, com uma forte aglomeração à volta do eixo Porta Venezia-corso Buenos Aires-Loreto e à volta do bairro Canonica-Sarpi.

Segundo os dados da Câmara de Milão, em 2013, os cidadãos estrangeiros eram mais de 264 mil, cerca de 19,5% do total da população cidadina. Atualmente, a coletividade mais numerosa é a filipina, com 40 mil presenças; seguem-se os egípcios (37 mil), os chineses (25 mil), os peruanos (21 mil), os cingaleses (16 mil) e os equatorianos (15 mil). As duas comunidades com maior crescimento nos últimos cinco anos são a chinesa e egípcia, com uma taxa de crescimento superior a 40%. A distribuição da população estrangeira em Milão é substancialmente homogénea: os pontos de maior



concentração de residentes estrangeiros registam-se na zona 2 e zona 9, com percentagens compreendidas entre 20 e 30% do total. Os migrantes já se tornaram um fator importante na vida da cidade. Um empreendedor em sete é migrante: das 2.000 novas atividades abertas em Milão em 2014, 600 têm um titular migrante. As escolas milanesas têm a primazia a nível nacional pelo número de alunos com nacionalidade não italiana, quase 77 mil no ano letivo 2013/2014, ou seja 14% do total. Destes, mais de metade nasceram em Itália, sendo portanto de segunda geração.



OS BAIROS MULTICULTURAIS

Os itinerários de Migrantour Milão desenvolvem-se em áreas que estiveram muitas vezes no centro da atenção dos media devido a tensões sociais, conflitos e episódios de criminalidade, mas que, ao mesmo tempo, se apresentam como particularmente dinâmicas de um ponto de vista cultural e económico. Bairros que têm também um rico património artístico e uma longa história de migrações no seu passado.

Via Padova

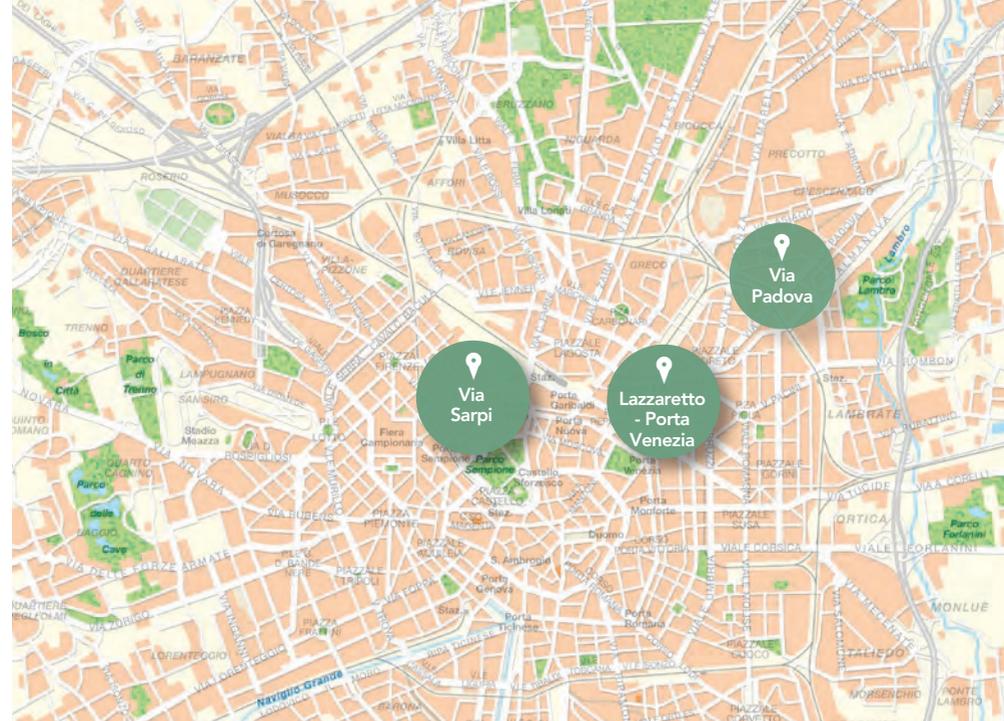
Historicamente zona de expansão urbanística, via Padova é hoje em primeiro lugar um grande bairro residencial, com uma densidade de residentes estrangeiros mais alta em relação ao resto da cidade. Aqui surgiram, nos últimos anos, várias associações e iniciativas para promover a integração, a coesão social e para fazer frente às complexas tensões a que o bairro não é imune.

Via Sarpi

O bairro Canonica-Sarpi, descrito pelos meios de comunicação e pela opinião pública como a “Chinatown milanesa”, é na realidade habitado predominantemente por cidadãos italianos. O bairro, porém, representa o coração económico e social da comunidade chinesa lombarda, o local para encontros, para compras, comer, utilizar serviços e informação. O bairro possui um património artístico e arquitetónico não desprezível, como demonstram o Cemitério Monumental, o Parco Sempione e a nova área da Porta Garibaldi. A recente pedonalização da via Paolo Sarpi contribuiu para a transformação da zona, já tornada um local de passeio e shopping para os próprios milaneses.

Lazzaretto - Porta Venezia

O Lazzaretto desempenhou um papel importante na história de Milão e tem um lugar de relevo na sua imagem literária: foi precisamente na área



1 Via Padova

Partida: Igreja de San Crisostomo

- A Casa da Cultura Muçulmana
- O Parco del Trotter
- Conversas e provas entre as atividades comerciais geridas por migrantes



MAPA TOUR 1



MAPA TOUR 2

2 Via Sarpi

Partida: Jardins Lea Garofalo na via Montello

- Visita a lojas chinesas e italo-chinesas como o L'Oriente Store e Chateau Dufan



MAPA TOUR 3

3 Lazzaretto - Porta Venezia

- A Igreja de S. Carlo e o antigo Lazzaretto
- Lojas e restaurantes da África e não só
- A Igreja ortodoxa da via San Gregorio
- Via Panfilo Castaldi



VÍDEO DOS TOURS DE MILÃO



● Derres e Girom Berhane, gestores do Restaurante Asmara, zona Porta Venezia - Fotografia: Natia Docufilm

do ex-lazzaretto, local de isolamento dos doentes, que Manzoni ambientou o trigésimo quinto capítulo dos seus célebres *Promessi Sposi*. A atração turístico-cultural está também ligada à proximidade dos Jardins de Porta Venezia (dedicados a Indro Montanelli), ao Museu de História Natural e ao Pavilhão de Arte Contemporânea (PAC). O bairro é, desde os anos 70, meta dos migrantes provenientes das ex-colónias italianas e tornou-se ponto de referência para a comunidade eritreia e etíope. Frequentemente definido nas crónicas cidadinas da décadas passadas como a “casbah” de Milão, hoje o Lazzaretto vive uma fase de progressiva gentrificação.



OS PERCURSOS MIGRANTOUR

1 Via Padova, uma janela sobre o mundo

O passeio ao longo da via Padova inicia na igreja de São Crisóstomo, local de culto frequentado por italianos e migrantes, para prosseguir depois na

Casa da Cultura Muçulmana, local de culto e de reunião para os fiéis da zona. Outra etapa interessante é o Parco del Trotter, verdadeira “pérola escondida” da cidade: o parque albergou um hipódromo até 1924, e a seguir “a Casa del Sole”, uma escola de vanguarda para crianças doentes com tuberculose, e atualmente muito ativa no campo da integração no âmbito escolar e social. Aqui podem observar-se exemplos de arquitetura *liberty* e o antigo traçado do hipódromo. As etapas seguintes, distribuem-se por atividades comerciais e de restauração geridas por migrantes, como lojas de conveniência internacionais e *piñaterie* latino-americanas.

2 T’el chi Chinatown!

O passeio pela via Paolo Sarpi inicia nos jardins da via Montello, recentemente dedicados a Lea Garofalo, vítima da *‘ndrangheta’* (máfia da Calábria). Os jardins são uma realidade interessante do bairro, cedidos a título gratuito pela Câmara de Milão à associação “Giardini in Transito” e utilizados pelos habitantes e por várias realidades sociais da zona. Nos Jardins são organizadas manifestações e eventos como a *Festa della Luna*, um dos mais importantes momentos do calendário chinês. São previstas paragens em diversas lojas chinesas e ítalo-chinesas como, por exemplo, o *Oriente Store*, aberto desde os anos 70 e rico em interessantes objetos de artesanato tradicional, ou o *Chateau Dufan*, uma ex-gelataria italiana adquirida por um jovem chinês, que no entanto quis manter na sociedade os anteriores proprietários italianos. Através destas visitas descobrir-se-ão os diversos aspetos da cultura chinesa, da caligrafia, à medicina, ao artesanato, passando obviamente pela comida.

3 Porta Venezia: dos Promessi Sposi ao Corno de África

O percurso do Lazzaretto desenrola-se entre algumas referências aos itinerários manzonianos e aprofundamentos sobre as migrações antigas e modernas, sobretudo provenientes do Corno de África. São visitados estabelecimentos comerciais geridos por migrantes de origem eritreia e etíope como o histórico restaurante Asmara, a igreja ortodoxa da via San Gregorio, que surge no único traçado do Lazzaretto ainda existente, e a famosa via Panfilo Castaldi, descobrindo pouco a pouco um dos mais antigos bairros multiculturais de Milão.



AS VOZES DOS GUIAS INTERCULTURAIIS

O grupo de guias interculturais de Milão é composto por cerca de 20 pessoas originárias de vários países da América Latina, mas também da China e Polónia. Sobretudo mulheres, migrantes da primeira e segunda



geração, apaixonadas por Itália e cheias de vontade de contar como vivem a cidade. Conta Fernanda:

“Apesar de não habitar em Milão consigo lá ir amiúde para fazer passeios, para conhecer melhor a cidade e também porque aqui posso encontrar as lojas latino-americanas e comprar os alimentos equatorianos que fazem falta ao meu palato. Por isso decidi ser guia intercultural: para mostrar que cada pessoa, de qualquer proveniência, pode ensinar qualquer coisa de novo, interessante e agradável”.

Histórias de novas identidades que se constroem dia a dia, como emerge das palavras de Lisette:

“Nasci no Equador, tenho 26 anos e passei a minha infância no meu país de origem e a segunda metade da minha vida em Itália. Tenho orgulho nas minhas raízes e no meu país mas sinto-me também parte desta terra que me adotou. Gosto simplesmente de dançar salsa e adoro comer a pasta, sou ‘a italiana’ quando volto ao Equador e ‘a estrangeira’ quando estou em Itália. Para mim, o conhecimento recíproco é essencial para derrubar os estereótipos e os preconceitos para com o diferente: decidi portanto empreender este percurso e contar-me a mim própria através das ruas da cidade onde me tornei adulta. Esta cidade que também estou a descobrir,

através do projeto Migrantour, porque muitas vezes, de tão escondida que está do quotidiano da nossa vida, já não nos interrogamos sobre as origens dos locais onde nos encontramos e sobre as transformações no curso do tempo. Milão é um grande contentor de culturas com línguas e pessoas tão diversas como grande é o mundo”.

Vozes que contam histórias pessoais através da descoberta da riqueza cultural. É esta, por exemplo, a experiência de Mariela:

“A minha grande aventura iniciou-se há quatro anos quando decidi vir trabalhar para Itália com a minha mãe, tendo-me apaixonado desde o primeiro dia pela esplêndida arquitetura e pela deliciosa comida de Milão. A oportunidade de participar no projeto Migrantour é verdadeiramente importante para mim, porque representa uma porta que nós os estrangeiros abrimos gentilmente aos italianos para com eles partilhar a bagagem cultural que trazemos connosco na nossa viagem, para demonstrar a todos que com afeto e alegria as diferenças tornam-se ocasiões para crescer e aprender e ser melhores pessoas”.



Passeio pelo Parco Trotter da via Padova
Fotografia: ACRA-CCS

Migrantour Milão não teria sido possível sem o preciso apoio da Coordenadora Local, Gabriele Zoja, da Tutora, Letizia Roffia e dos nossos acompanhantes interculturais:

Anna Maria Katarina Tempesta, Annamaria Omodeo Zorini, Cristina Uribe Lòpez, Dayani Maria Thiesen Schwinden, Diego Danilo Alvear, Emma Herrada Luna, Geosseline Jiménez Dutàn, Gloria Falci, Josenir Canavesi Dos Santos, Kora Elvira Mogrovejo Crespo, Li Ding, Liliana Paladines, Lisette Stefania Noboa Montesdeoca, Magdi Shouman, Margarita Sílvia Clemént, Maria Fernanda Castro Saldana, Mariela Lara, Rebecca Brollo, Valentina Manfredi
Um especial agradecimento a:

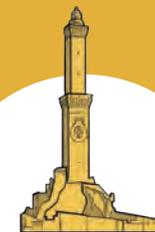
Associação Giardini in Transito, Fundação Giulio Aleni, Casa da Carità, Conselhos da zona 2,3,8, Codici Ricerche, Associação Shoulashou - Diamoci la Mano, Impact Hub Milão, Mowgli – Turismo Responsável, Casa da Cultura Muçulmana, Associação La città del Sole – Amigos do Parco Trotter, Metropolia Ortodoxa de Aguilleia e da Europa Ocidental, Paróquia de San Crisostomo, Associação Cultural Villa Pallavicini, União Empreendedores Itália-China.



● Igreja de S. Pietro in Banchi, Génova
Foto: ACRA-CCS



Génova



UMA HISTÓRIA DE MIGRAÇÕES

Génova é desde há muito tempo uma cidade no centro de viagens e migrações. Do mesmo porto que durante séculos foi saudada a partida de peregrinos, comerciantes e exploradores, entre finais do século XIX e o início do século XX transitou uma boa parte da grande emigração italiana para as Américas. Génova, como qualquer grande cidade portuária, conhece desde sempre a presença de cidadãos estrangeiros entre os seus *carruggi*, mas querendo reencontrar as origens do atual fenómeno da imigração na cidade, podemos remontar aos primeiros anos 90, período que coincidiu com a “reinvenção” da cidade depois da crise industrial dos anos 80 que tinha comportado uma perda de mais de 200 mil residentes. Os “novos cidadãos” chegam inicialmente do Norte de África, depois da Albânia e finalmente, numa enorme medida, da América Latina. Podemos identificar duas fases migratórias significativas que contribuíram para a transformação da cidade. Na segunda metade dos anos 80 e durante uma década é essencialmente o Centro histórico da cidade a acolher os primeiros movimentos migratórios, frequentemente associados aos estaleiros navais e à construção civil. Os edifícios vagos da “cidade velha” gradualmente repovoam-se e a área começa a sua transição cultural e económica. A partir da segunda metade dos anos 90, o território assume de um modo cada vez mais completo uma nova imagem: as lojas expõem novos produtos de consumo ligados aos países de origem dos migrantes e aparece toda uma série de novos serviços (phone center, comida étnica, restauração) para uma nova tipologia de clientela. Esta ordem faz-se acompanhar de políticas viradas para a requalificação da cidade que iniciam em 1992, ano das Colombiadas, até 2004, ano em que Génova se torna Capital Europeia da Cultura. No mesmo período, os migrantes fixam-se cada vez mais também fora do Centro histórico, sobretudo no poente genovês,

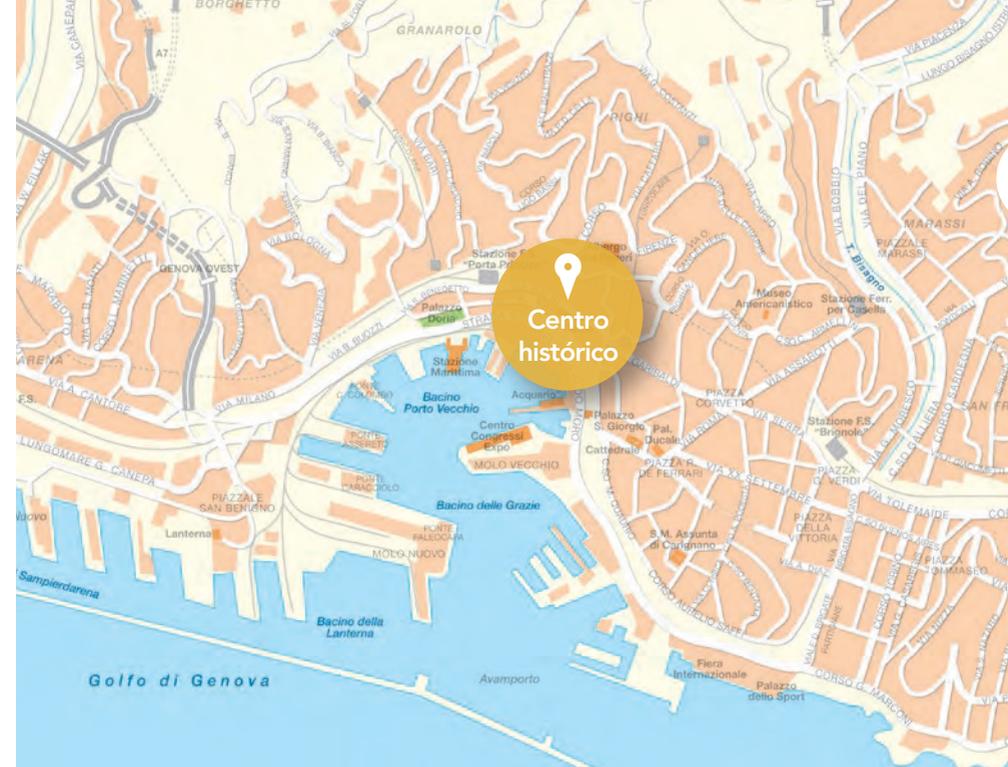
em zonas como Sampiardarena. Depois de uma fase de imigração quase exclusivamente masculina, passou-se a uma preponderantemente feminina, para chegar a um gradual equilíbrio de género através das reuniões familiares e o nascimento das “segundas gerações”. Hoje em dia, os migrantes regularmente residentes na cidade são mais de 57 mil, 9,6% da população residente, segundo os dados recolhidos pela Câmara de Génova em 2013. A comunidade maioritariamente representada é a equatoriana (22,5%), seguida da romena (13%), albanesa (9%) e peruana (4%).

OS BAIROS MULTICULTURAIS

Centro Histórico

Em Génova, o passeio intercultural articula-se no bairro mais antigo e turístico da cidade: o Centro histórico. A área, em parte Património Mundial da Humanidade da Unesco, alberga as mais importantes instituições culturais e os mais relevantes museus da cidade e, além deste notável património turístico material, possui também um imaterial igualmente rico. Entra nesta categoria a herança cultural e social da figura de Fabrizio De Andrè, o cantautor genovês que tornou imortal a atmosfera dos *carruggi*. As luzes, as histórias e os escorços do Centro histórico mais facilmente se revelam se observados evocando os versos de De Andrè em canções como a “La città vecchia” ou “Via del Campo”: daí emerge um fresco feito de uma humanidade intensa, de rostos estrangeiros, autóctones, ricos, pobres, onde sobretudo a frequência e a coabitação da diversidade determinam a grande riqueza que ainda hoje constitui a essência desta parte da cidade. Coabitação que foi apoiada pelo trabalho quotidiano na comunidade de São Benedetto no Porto de Don Andrea Gallo, padre de rua dos excluídos, a quem atualmente é dedicada uma praça, ao lado da via del Campo, no coração do Centro histórico. Uma humanidade complexa, densa, que se funde num território com sabor de antigo e novo, terra de passagem e de contradições, território mais que interessante para uma experiência de turismo urbano intercultural.

O território tem uma extensão limitada, facilmente transitável a pé, e por outro lado quase totalmente área pedonal, além de ser servida pelo metropolitano e encontrar-se a pouca distância da estação ferroviária. Ocorre constatar como o Centro histórico, perante o seu grande potencial turístico, é mesmo assim pouco procurado pelos fluxos turísticos que passam ao longo da elegante via Garibaldi ou na área do conhecido Aquário. O desafio de Migrantour Génova é, por isso, o de restituir aos cidadãos e aos visitantes o prazer de descobrir alguns bairros do Centro



Génova

1 Centro histórico

Partida: Piazza Acquaverde

- A Commenda de San Giovanni di Prè
- Via Prè (visita a algumas lojas do mundo)
- Piazza dei Truogoli di Santa Brigida
- Porta dei Vacca
- Via del Campo (possibilidade visita viadelcampo29rosso)
- Piazza don Gallo (Gueto Judaico)

Possíveis ampliações:

- Pavilhão permanente do “Galata - Museo del Mare” dedicado à migração
- Museo da Cultura do Mundo junto ao Castelo D’Albertis



MAPA TOUR 1



VÍDEO DOS TOURS DE GÉNOVA



● Um esboço Via di Prè.
Fotografia: Natia Docufilm

histórico (*via Prè, Ghetto, a Maddalena*) considerados “difíceis”, mas hoje em substancial mudança, também graças à presença dos migrantes.

O PERCURSO MIGRANTOUR

A Cidade Antiga contada pelos novos cidadãos

O passeio Migrantour Génova inicia na Piazza Acquaverde, em frente à estação ferroviária Príncipe e ao lado do monumento de Cristóvão Colombo, proporcionando a primeira e importante ocasião de reflexão sobre as temáticas da viagem, da colonização e da importância do relativismo cultural. Prossegue-se, depois, para a Canonica di San Benedetto al Porto, sede da comunidade de acolhimento dos diferentes e marginalizados, metáfora de todo o passeio. O percurso cognitivo continua com

uma paragem junto de um momento histórico que resume muito bem as diversas histórias de mobilidade que caracterizam a Génova do passado e de hoje: a Commenda di San Giovanni di Prè, sítio de acolhimento e alojamento para os peregrinos na época medieval, local de encontro e reunião na sua praça para os migrantes atuais. A imersão pelo Centro histórico prossegue percorrendo a via Prè, onde a história se funde com a contemporaneidade ao longo da rua através dos rostos dos passantes, feita de migrações dos diversos continentes todos distintos, as marcas dos *phone center*, os produtos alimentares expostos nas montras das lojas, os restaurantes do mundo e os nascidos dos mestiçamentos culturais que encontram expressão particularmente nesta rua. Ultrapassada a monumental Porta dei Vacca, o percurso prossegue pela via del Campo, onde é possível visitar “viadelcampo29rosso”, museu dedicado a Fabrizio De André e aos cantautores da escola genovesa e, logo, à “coluna sonora” do bairro. Do museu acede-se diretamente à área do Gueto judaico, quadrilátero irregular que inclui ruelas estreitas e onde, desde julho de 2014, há vida ativa na Piazza Don Gallo. O passeio conclui-se nesta fascinante praça, evocando a figura e o exemplo de um homem, que ainda antes de ser padre fez da intercultura uma missão de vida. Migrantour Génova prevê também duas possíveis extensões museológicas para enriquecer o itinerário: a visita do pavilhão permanente do “Galata - Museo del Mare” dedicado às migrações (Memória e Migrações - MeM) ou do Museu das Culturas do Mundo, no Castelo D’Albertis. O MeM, que, através de uma experiência expositiva altamente interativa, permite reviver a experiência dos milhões de emigrantes que partiram de Itália zarpando de Génova para as Américas; o Museu das Culturas do Mundo conserva, por sua vez, uma rica coleção etnográfica que permite apreciar a riqueza cultural dos contextos de origem de onde provêm os migrantes atualmente presentes em Génova.

AS VOZES DOS GUIAS INTERCULTURAIIS

Os guias interculturais genoveses são mulheres e homens que vivem na cidade desde há períodos mais ou menos longos, desde um mínimo de alguns anos a um máximo de várias décadas. Professores, mediadores culturais, educadores, mas sobretudo apaixonados por viagens e culturas: todos manifestam uma particular empatia e amor pela capital ligure, que os conquistou e apaixonou. Génova, para alguns, é capaz de evocar ritmos e cores longínquas, como conta Manuela, originária do Brasil:

“O Centro histórico genovês faz-me lembrar muito o de Salvador da Baía nas cores, nos sons, nos cheiros e nos sabores que o caracterizam: basta



pensar, por exemplo, no dialeto genovês tão semelhante ao luso-brasileiro na fonética e na cadência, ou ainda, na música de alguns cantautores locais como Fabrizio De André, frequentemente próxima de ritmos e sons instrumentais do Brasil”.

Alguns bairros da cidade lembram nas comidas e nos encontros a terra nativa, como acontece no caso de Sakho do Senegal:

“Via Pré é uma rua habitada pelos meus conterrâneos do Senegal. Esta rua lembra-me muitas ruas da minha terra. Aqui encontram-se muitos produtos, culturas do mundo e comidas do meu país”.

Alguns bairros da cidade lembram nas comidas e nos encontros a terra nativa, como acontece no caso de Sakho do Senegal:

“Via Pré é uma rua habitada pelos meus conterrâneos do Senegal. Esta rua lembra-me muitas ruas da minha terra. Aqui encontram-se muitos produtos, culturas do mundo e comidas do meu país”.



● Loja Pastorino.
Fotografia: Natia Docufilm

Há quem, uma vez chegado a Génova, tenha explorado o novo território pouco a pouco, aprendendo a conhece-lo e a vive-lo profundamente. Maria Eugenia, venezuelana, conta:

“Toda a cidade me entrou no coração, descobrindo os seus segredos inesgotáveis, e particularmente o seu Centro histórico, pelo qual sou apaixonada... com o Migrantour, que acompanharei, espero contar com o meu entusiasmo! Gosto de dar o meu ponto de vista sobre o Centro histórico, dar a conhecer a quem chega o que pode ajudar a aproximar-se de Génova e aos genoveses”.

Outro olhar sobre Génova, o dos novos cidadãos, capaz de ler as muitas cidades escondidas sobre o território como sugere a peruana Malù:

“Adoro andar a passear pelo porto, levantar o olhar e ver as casinhas coloridas debruçadas sobre as colinas e dar uma volta pelos carruggi, neste mágico labirinto repleto de história e de histórias. Um passeio pelas vie di Prè ou da Maddalena leva-nos à descoberta de um novo mundo feito de cores e sabores. Não vejo a hora de vos dar a conhecer a minha Zena!”.

Migrantour Génova não teria sido possível sem o preciso apoio da Coordenadora Local, Rossella Semino e dos nossos acompanhantes interculturais:

Afonso Lubendo, Anilha Alhasa, Didier Feudjeu, Drita Llusku, Elva Collao, Eneida Tro-sell, Epiphane Biao, Eva Jorquera del Carmen, Ievgeniia Kaverznieva, Irum Baig, Maria Eugenia Esparragoza, Manuela Magalhaes, Maria Luisa Gutierrez, Marina Yakushevich, Mayela Barragan, Monica Andrasescu, Patricia Gabriel, Sakho Ngagne, Sandra Andrade, Viviana Barres, Youssef Safir

Um especial agradecimento a:

Galata Museo del Mare, Museo Teatro a Commenda, Viadelcampo29rosso, Castelo D’Albertis - Museo delle culture del mondo, Cooperativa Solidarietà e Lavoro, Câmara Municipal de Génova, Município Centro Este, Centro Escolas e Novas Culturas, Comunidade de San Benedetto al Porto, ARCI, Centro Estudos Médios, Associação Colidolat, Encontros na cidade, o Cesto, L’altra Vita, A Staffetta, Associação Pas à Pas, Associação Giardini Luzzati, A.G.T.L.



● Sinagoga, Florença
Fotografia: David Meseguer



Florença



UMA HISTÓRIA DE MIGRAÇÕES

Como muitas outras cidades italianas, também a cidade de Florença tem uma longa história de acolhimento em relação às comunidades estrangeiras, que em diversas fases históricas se estabeleceram ou frequentaram a capital toscana até lhe escrever a sua história e enriquecer-lhe o seu património artístico-cultural. Exemplos desta tradição são representados pelos vestígios das comunidades arménias e siríacas que constituíram as primeiras comunidades cristãs na zona, ou a aquisição dos sistemas numéricos dos povos árabes que os mercadores florentinos desenvolveram depois em instrumentos de contabilidade comercial. No período grão-ducal, Florença foi sede de uma escola de línguas orientais, tal como existem vestígios de influências da cultura árabe até na pintura do toscano Masaccio. O universo religioso constitui um importante âmbito em que os contributos e os vestígios de outras culturas são mais visíveis: desde o século XV distinguem-se na cidade diversas sinagogas e o antigo gueto hebraico, ainda que remonte apenas ao século XIX a construção do Templo Maior Israelita. Há, portanto, preciosos testemunhos das comunidades russo-ortodoxa, inglesa e polaca, cuja presença marcou profundamente a história da cidade e que está ligada às origens do Grand Tour, a viagem a Itália que as elites culturais de toda a Europa faziam no século XIX. Mas são as migrações que procuraram Florença a partir das últimas décadas do século XX, que caracterizam de modo significativo o tecido social e económico da cidade atual. Atualmente, segundo os dados da Câmara de Florença de 2013, os estrangeiros presentes na cidade são cerca de 58 mil, mais de 15% do total dos residentes. Provenientes principalmente da Roménia, Albânia, Peru, Filipinas e China, as comunidades migrantes florentinas caracterizam-se por uma maioria da componente do género feminino e por uma percentagem significativa (15% do total) de menores. Os estudos feitos nestes

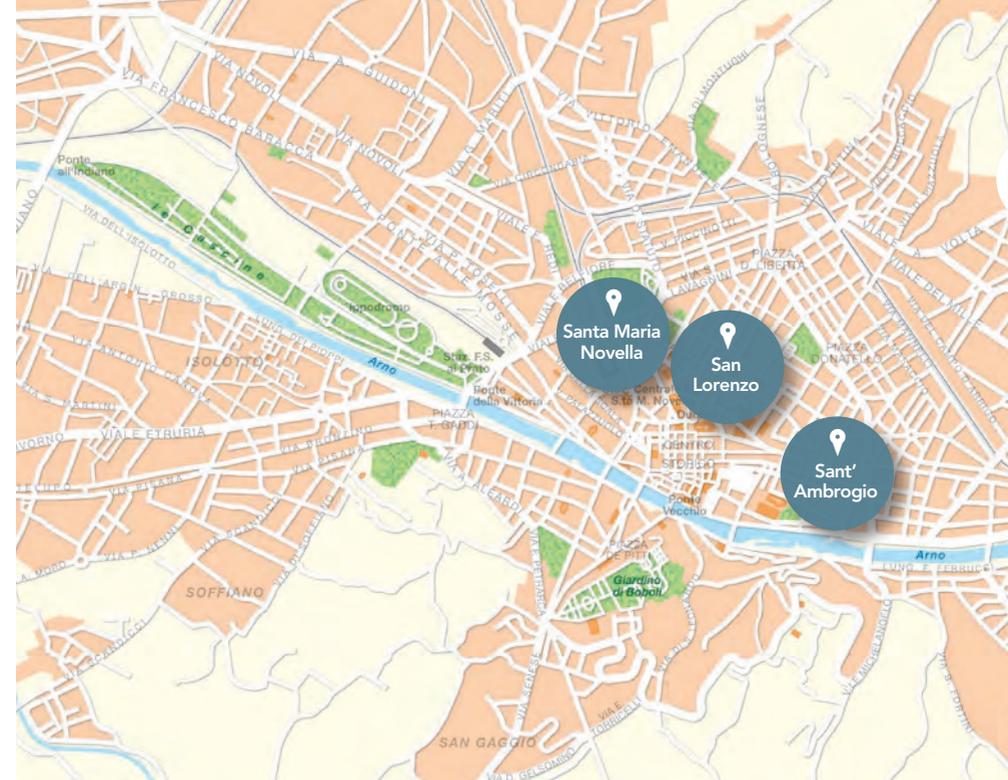
anos pela Fundação Michelucci (“Florença Encruzilhada de Culturas”) e pela Associação Cultural L.a.m.ì (“Guia Nova Cidadania”) forneceram preciosos conhecimentos sobre as dinâmicas da imigração em Florença, com base nos quais os guias interculturais realizaram os aprofundamentos necessários para delinear e enriquecer os itinerários urbanos interculturais.

OS BAIROS INTERCULTURAIIS

Centro Histórico, Bairro I

Os itinerários Migrantour Florença desenvolvem-se no centro histórico da cidade, ou seja, na área denominada Bairro I, que alberga a grande parte do imenso património artístico e cultural tutelado pela Unesco como Património da Humanidade. É, pois, interessante observar como muitos sítios de interesse turístico, mais ou menos conhecidos do grande público, remetem para o tema do intercâmbio com outras culturas e países, como a Farmácia di Santa Maria Novella, a Igreja de Ognissanti ligada à família Vespucci, o Gabinete Científico e Literário de Giovan Pietro Vieusseux, que também alberga uma coleção de 9 mil volumes do orientalista Fosco Maraini, ou finalmente as diversas obras filantrópicas e culturais deixadas pela importante família russa dos Demidoff.

O Bairro I é procurado por enormes fluxos turísticos e também por esta razão muitos florentinos “históricos” no decorrer das últimas décadas deixaram progressivamente ruas e áreas de menor prestígio desta zona (via Palazzuolo, San Zanobi, via Panicale e mercado di san Lorenzo), que assim se foram enchendo de atividades comerciais e locais de encontro dos “novos florentinos”, que aqui encontram também a maior parte das associações e serviços de referência. Antigos locais de culto acolhem periodicamente cerimónias religiosas das diversas comunidades estrangeiras, com a Igreja de San Barnaba (e a limítrofe Piazza dell’Indipendenza) para os filipinos, a de San Pier Gattolino para os cingaleses, ou a Igreja ortodoxa na Costa San Giorgio para os romenos. A convivência entre os velhos e novos residentes nem sempre é fácil, sobretudo nos bairros mais populares que evidenciam as mais altas taxas de população de origem estrangeira. Estas dificuldades, ligadas ao escasso e recíproco conhecimento com pessoas de tradições e culturas diferentes, resultam ocasionalmente em episódios gravíssimos, como os fatos ocorridos na Piazza Dalmazia e San Lorenzo de dezembro de 2012, terminando em danos para cidadãos de origem senegalesa. Eventos como estes demonstraram como este território não é imune a fenómenos de xenofobia, ainda que se deva evidenciar como a população florentina reagiu com manifestações de repúdio contra todas as formas de racismo.



1 Piazza Santa Maria Novella

Partida: Piazza Santa Maria Novella

- Via Palazzuolo
- Borgo Ognissanti



MAPA TOUR 1



MAPA TOUR 2

2 Sant' Ambrogio:

Partida: Complexo das Murate

- A Sinagoga
- O Centro de Oração Islâmico
- Complexo das Murate



MAPA TOUR 3



VÍDEO DOS TOURS DE FLORENÇA

3 San Lorenzo:

Partida: Battistero Santa Maria del Fiore

- Lojas históricas e “étnicas” - Via Panicale
- Cooperativas sociais Mercado de San Lorenzo





● Erii e Candy em S. Ambrogio, Florença
Fotografia: David Meseguer



OS PERCURSOS MIGRANTOUR

Migrantour Florença propõe três passeios diferentes, cada um caracterizado por temas específicos e pela ligação a uma parte do território do centro histórico da cidade.

1 Piazza Santa Maria Novella: sobre os vestígios dos viajantes de finais do Século XIX

O primeiro itinerário inicia na Piazza Santa Maria Novella, um dos locais mais conhecidos e visitados de Florença, mas onde poucos se apercebem da placa dedicada ao escritor e poeta norte-americano H.W. Longfellow, um dos maiores defensores da abolição da escravatura, e que em meados do século XIX traduziu pela primeira vez a Divina Comédia em inglês. O percurso decorre depois ao longo da via Palazzuolo e pela zona do Borgo Ognissanti, onde claramente se percebe como Florença foi desde sempre encruzilhada de culturas: aqui sucedem-se as lojas de artesanato requinta-

damente florentinas, ateliers de jovens artistas, *phone center*, mercearias africanas, restaurantes etíopes e peruanos, bares somalis e eritreus, talhos islâmicos, locais de culto e importantes organizações solidárias.

2 Sant' Ambrogio: círculo de solidariedade e de religiões

O segundo itinerário, na área de Sant' Ambrogio, respeita a uma das zonas mais “florentinas” da cidade, um local onde o sentido de comunidade se respira através de um tecido associativo muito desenvolvido e onde cidadãos participam ativamente na vida do bairro. Partindo do complexo das Murate, assim chamado pela presença de um convento depois tornado cárcere, agora requalificado, podem visitar-se locais como o mercado do bairro de Sant' Ambrogio, lojas indonésias, até chegar ao coração da multireligiosidade existente em Florença: a Sinagoga e o Centro de Oração Islâmico da via Borgo Allegri. Ali próximo na Piazza Beccaria, local onde na antiguidade se realizavam as execuções, é-nos lembrado que o Grão-ducal de Toscana foi em 1786 o primeiro estado no mundo a abolir a pena de morte.

3 San Lorenzo: mercado, comidas e culturas

O terceiro passeio, na zona de San Lorenzo, propõe por sua vez um olhar sobre as migrações e sobre a diversidade cultural através do tema da comida e dos ingredientes das diversas cozinhas introduzidas pelos migrantes. O passeio inicia pela figura da Rainha de Saba, retratada num dos painéis da Porta del Paradiso del Battistero de Florença e símbolo da presença das intensas relações diplomáticas e comerciais entre Ocidente e Oriente desde a antiguidade, para depois se aventurar pelas ruelas do bairro até ao mercado de San Lorenzo. Aqui encontra-se um dos maiores mercados cobertos da Europa, rico em produtos provenientes de diversas partes do mundo e capazes de satisfazer os mais variados hábitos alimentares.



AS VOZES DOS GUIAS INTERCULTURAIIS

Florença é talvez uma das cidades italianas que mais atrai a atenção e admiração pelo seu imenso património histórico, cultural e artístico. Este interesse e esta paixão verificámo-los, desde o início, também no grupo de homens e mulheres que empreenderam o percurso formativo como guias interculturais previsto pelo projeto Migrantour. A intensa participação com que, desde os primeiros encontros, Aušra, Jackline, Guilherme, Tanya, Nadya, David, Marta, Erii, Candy, Haswell e Zakaria, entre outros, apresentaram os seus “locais do coração” da cidade, o desgosto que demonstram quando veem a cidade degradada e tratada com pouco





civismo, emocionou-nos e mais nos motivou para continuar neste percurso, evidenciando como a cidade pertence a quem lá vive e a ama, mais do que a quem só lá nasceu ou de lá é descendente. Graças a Migrantour, por exemplo, Aušra, lituana de origem já em Florença desde há mais de uma década – diverte-se agora a encontrar em cada canto da cidade as placas dos Otto di Guardia e Balía, antiga magistratura florentina que ao longo de séculos lutava contra a chamada “degradação”, lembrando aos transeuntes menos distraídos com este problema e muitas vezes só referido na contemporaneidade, que é na realidade uma questão de longa duração.

Aušra que, do mesmo modo, se diverte ao entrar em pequenas lojas antes desconhecidas e pede com conhecimento de causa uma mistura especial de especiarias marroquinas para preparar a hortaliça para si e para os seus filhos.

Zakaria confessa, por sua vez, que nunca pensou sentir-se tão orgulhoso e satisfeito depois de ter acompanhado alguns passeios, de forma a encontrar mais motivações para prosseguir o seu percurso de estudos.



● Alguns acompanhantes Migrantour Florença.

Fotografia: Giovanna Burgos

Um lugar especial no álbum dos encontros que caracterizam os passeios é dedicado à Associação Anelli Mancanti, desde há anos empenhada na realização de atividades a favor de cidadãos estrangeiros: os seus voluntários conseguem sempre captar a atenção de adultos e adolescentes para a cidadania e para a vontade de partilha que transmitem. O local talvez mais tocante por onde passa o encontro é finalmente o bar da somali Ayan: a história da sua vida e da difícil história do seu país mistura-se ao seu maravilhoso café árabe e à paixão com que **aconselha os jovens a empenharam-se particularmente na sua educação, como instrumento fundamental para adquirir independência e espírito crítico**. Pessoas como ela mudaram de alguma forma a nossa visão das coisas e ofereceram-nos a sincera vontade de conhecer e de dar-nos a conhecer aos outros.

Migrantour Florença não teria sido possível sem o preciso apoio da Tutora, Chiara Trevisani e dos nossos acompanhantes interculturais:

Antonio Pizzolante; Aušra Povilaviciute; Beatriz Hernandez; Candida Rosario Perez Delvento; Carla Eliana Caciano Reategui; Charity Ogbenadia; Chinwe Bridget; David Meseguer Ripoll; Daria Svetlava; Emese Pálóczy; Erii Nakajima; Georgel Ionel Tuvic; Guilherme Genovesi; Haswell Beni; Jackline Wairimu; Joanna Jolanta Czwiellung; Karin Quadrelli; Katalin Vergari; Lina Beatriz Callupe; Mame Cheikh Ndiaye; Marta Esparza; Miryan e Yelitza Altamurano Valle; Mikica Pinzo; Mohamed Abdulahi; Nadiya Radchenko; Nicoleta Elena Cretu; Adriane Walling; Tatiana Lebedeva; Zakaria Babaoui

Um especial agradecimento a:

Coop. Walden- Viaggi a piedi, Associação Gli Anelli Mancanti, Rede de Solidariedade e Bairros 1- Câmara Municipal de Florença, Sportello Eco Equo, Fundação Michelucci, Giuditta Picchi, Fiamma Negri e Giusi Salis, Mariangela Rocchi, Virginia Ferraro, Alberto Borgioli e todas as pessoas que contribuíram a qualquer título para a criação e o crescimento do Migrantour Florença, comerciantes incluídos. Obrigado também a Valentina Ciarpaglini que apoiou a criação do Migrantour Arezzo.



Roma



UMA HISTÓRIA DE MIGRAÇÕES

O imenso património artístico-cultural e a relevância política de Roma são o fruto e ao mesmo tempo uma das razões dos fluxos migratórios que caracterizaram a história da cidade e lhe reforçam a sua dimensão internacional. Roma, enquanto capital do país, alberga desde há mais de um século importantes instituições nacionais e internacionais que atraem à cidade cidadãos provenientes de toda a Itália e do resto do mundo. Em Roma residem hoje cidadãos de todas as nacionalidades: aos “pioneiros” chegados nos anos 70 do continente africano (Eritreia, Senegal e países do Magrebe) seguem-se, durante décadas, os imigrados provenientes da Ásia (Bangladesh, Filipinas, China), da Europa oriental (Roménia, Polónia) e da América Latina, em particular do Peru. Segundo os dados do *X Relatório do Observatório romano sobre as migrações* (Idos/Caritas 2014), em Roma, no decorrer da década 2001-2011, em relação ao modesto crescimento da população italiana, os cidadãos estrangeiros mais que duplicaram.

No início de 2014, os estrangeiros registados no Arquivo de Identificação de Roma Capital eram quase 354 mil (com mais de metade constituída por mulheres), 9,5% do total da população residente. As comunidades mais numerosas são as romenas (cerca de 76 mil pessoas) seguidas das filipinas (42 mil), bengalis (31 mil), chinesas (18 mil), peruanas (15 mil). Como noutros contextos urbanos, os cidadãos de origem estrangeira distribuem-se pelas várias zonas da cidade segundo os serviços e as oportunidades laborais e habitacionais disponíveis: a maior concentração verifica-se no I Município onde cerca de 34% dos residentes são emigrantes.

Habitualmente Roma é considerada, e com razão, a capital da Cristandade: porém, é significativo o número de locais de culto ligado a uma grande variedade de confissões religiosas. As mais de 230 igrejas, sinagogas e mesquitas, sem esquecer salas de oração e templos, são o espelho do mosaico de fés



professadas pelos migrantes de ontem e de hoje: segundo a estimativa do Relatório Idos/Caritas, dois terços dos emigrantes atualmente existentes em Roma são cristãos (cerca de 245 mil, por esta ordem: ortodoxos, católicos e protestantes), seguidos de muçulmanos (76 mil), hinduístas (11 mil), budistas (9 mil) e fiéis de outras religiões orientais, particularmente sikh (5 mil).



OS BAIROS MULTICULTURAIS

Em Roma realizaram-se dois itinerários turísticos interculturais: um no bairro central do Esquilino, o outro na zona mais descentralizada de Torpignattara.

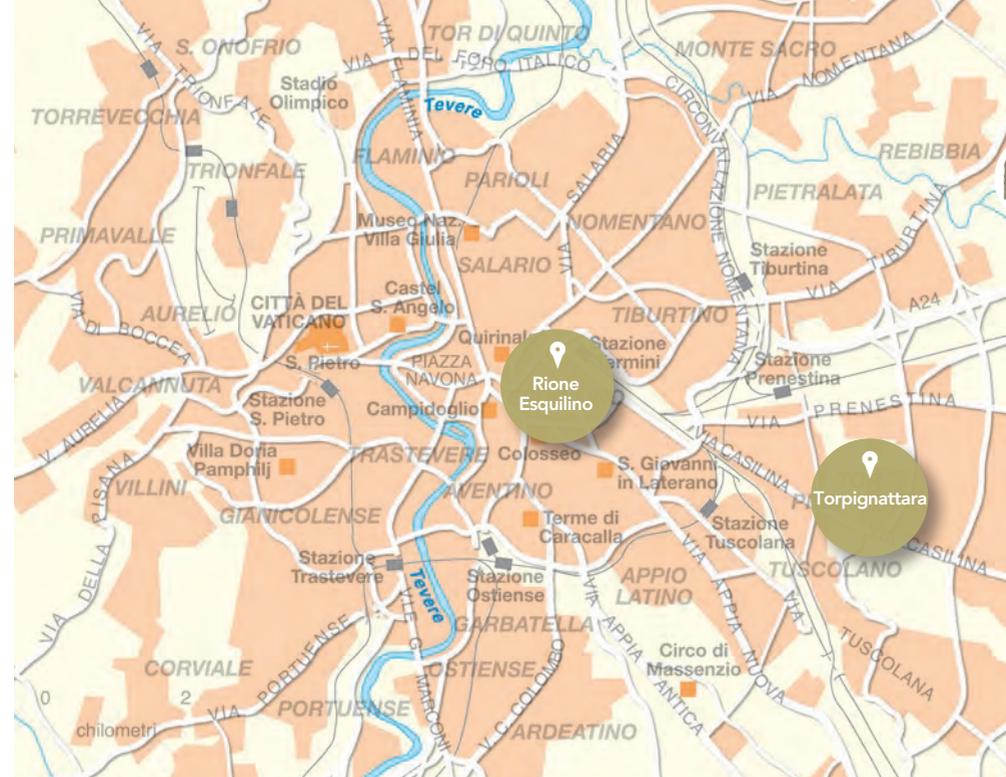
Esquilino

O Esquilino é um dos bairros que, apesar de cruzado por vários milhares de pessoas por dia, continua paradoxalmente ainda pouco conhecido, apesar de aqui conviverem importantes vestígios da antiga história romana (entre os quais o Auditorium de Mecenate, a Basílica subterrânea de Porta Maggiore, o Ninfeo de Alessandro) com elegantes edifícios da época dos Saboia construídos logo a seguir à unificação da Itália. De facto, vai da estação ferroviária de Termini à importante Basílica de S. Maria Maggiore, importantes pontos de referência para a cidade e para os fluxos turísticos, tendo sempre sido um bairro com uma forte presença migratória: no pós-guerra devido aos migrantes provenientes do Centro e Sul de Itália e depois do resto do mundo. A imigração chinesa marcou profundamente nos últimos vinte anos a transformação do território, sobretudo do ponto de vista comercial-económico. Hoje, como bem ilustra Scarpelli em *Il Rione Incompiuto*: “O bairro é um espaço em equilíbrio entre um laboratório do multiculturalismo e as dificuldades de convivência entre os indivíduos e os grupos sociais diversos”.

Torpignattara

Apesar da área acolher alguns importantes sítios arqueológicos, o bairro de Torpignattara, onde se desenvolve o segundo itinerário Migrantour Roma é, pelo contrário, mais conhecido pela sua história da época contemporânea. Neste território foram de facto ambientados alguns romances de Pier Paolo Pasolini e, ainda antes, entre 1943 e 1945, a zona foi protagonista da Resistência contra a ocupação de Roma pelos alemães.

Torpignattara, que pertence ao VI Município do Concelho de Roma, está entre os territórios com a mais alta densidade de população de origem estrangeira (mais de 12 % sobre o total dos residentes). A escola básica “Carlo Pisacane” por exemplo conta com a mais alta incidência de alunos estrangeiros de todo o Concelho. Torpignattara é, portanto, atualmente



1 Bairro Esquilino

Partida: Piazza Vittorio

- O Templo budista chinês da via Ferruccio
- O Arco de Gallieno
- A Igreja dos Santos Vito e Modesto
- As lojas situadas nas proximidades do Aquário Romano
- Novo Mercado Esquilino
- O teatro Ambra Jovinelli



MAPA TOUR 1



MAPA TOUR 2

2 Torpignattara

Partida: Piazza della Marranella

- restaurante e loja de tecidos bengali
- Templo Hindu e Centro de oração islâmico
- Associação de senhoras do Bangladesh



VÍDEO DOS TOURS DE ROMA



● Detalhe loja bengali, Torpignattara
Fotografia: Simona Fossi

um bairro muito dinâmico e movimentado, onde se verificou nos últimos anos um forte desenvolvimento económico e urbano, graças sobretudo à presença de uma numerosa comunidade do Bangladesh, a operar em muitos espaços anteriormente subutilizados e degradados. São muitas as associações interculturais e de migrantes e os movimentos e as comissões que constituíram a rede “Observatório Casilino”, como instrumento de promoção e tutela do território.



OS PERCURSOS MIGRANTOUR

1 Culturas de ontem e culturas de hoje no bairro Esquilino

O passeio através do bairro Esquilino inicia na Piazza Vittorio, uma das maiores da Europa e o coração multiétnico da cidade. A praça é o principal

local de encontro e encruzilhada das diversas comunidades de migrantes, mas também um símbolo da história arquitectónica de Roma, dado que a sua estrutura foi elaborada em concomitância com a unificação da Itália e a atribuição à cidade da função de Capital (1870). Deste ponto central segue-se para aproximação e conhecimento da comunidade chinesa, predominante neste bairro, através das suas ervas e produtos medicinais e a antiquíssima tradição do chá e o templo budista chinês da via Ferruccio, com maravilhosas estátuas douradas e tambores e incensos perfumados. A passagem seguinte sob o Arco di Gallieno, próximo de um centro de oração islâmico e da igreja dos Santos Vito e Modesto, oferece-nos a ocasião para aprofundar o tema dos outros cultos religiosos existentes na cidade desde há séculos. A pouca distância, as lojas situadas nas proximidades do Aquário Romano levam-nos a descobrir o artesanato afegão-paquistânês, a riqueza cultural de países infelizmente desde há muitos anos atingidos por guerras e conflitos. Ali próximo, no Novo Mercado Esquilino, encontramos o “Embaixador do Mercado” que nos leva ao conhecimento dos mil e mais tesouros alimentares expostos nas bancas: depois de um tão grande triunfo de cheiros, cores e tecidos de qualquer parte do mundo, o passeio termina no teatro Ambra Jovinelli, verdadeiro palco do espetáculo que diariamente o bairro Esquilino oferece.

2 Tradições indianas e bengalis em Torpignattara

O segundo itinerário Migrantour Roma em Torpignattara leva-nos, por sua vez, ao encontro da comunidade bengali, muito numerosa na zona, e às associações femininas ativas no território: o itinerário percorre as ruas do bairro, aproximando-se das lojas que vendem sari e outras roupas tradicionais de cores berrantes e de bordados preciosos que as mulheres bengalis nos ensinam a vestir, juntamente com jóias, explicando-nos os significados e as características. Num centro estético ali perto podem conhecer-se algumas receitas naturais para a pessoa se cuidar, a maquilhagem e as tatuagens henné, para depois prosseguir para algumas pequenas lojas que vendem alimentos cozinhados por ocasião dos casamentos e de outras cerimónias. O encontro com as mulheres de uma associação bengali e o templo hinduísta, ali perto, concluem muitas vezes o itinerário de aproximação a este distante Oriente... a dois passos de casa.



AS VOZES DOS GUIAS INTERCULTURAIIS

Mikaylo, Marta, Lamine, Amjed, Claudia, Madhobi e Malika são só alguns dos nomes de quem acompanha os passeios de Migrantour Roma. Muitas vezes o seu encontro com Roma foi um “amor à primeira vista”,





como conta Malika, de origem marroquina:

“Aqui conheci o mundo através de pessoas e de culturas diversas da minha, que nunca imaginei poder conhecer sem viajar, e ao mesmo tempo senti estas culturas próximas da minha porque as une o valor da hospitalidade e do acolhimento, que são a marca do mundo árabe e muçulmano”.

Para Amjed, de origem iraquiana, Roma tornou-se numa “segunda cidade natal”, depois da sua,

“porque aqui renasci na alma e na mente. Sou um artista e pinto utilizando particularmente a caligrafia árabe e ocupo-me também de fotografia digital, e não pude resistir à beleza dos monumentos históricos romanos”.

Para Madhobi, por sua vez, Migrantour Roma foi a ocasião

“para redescobrir com novo olhar o meu bairro, o do Esquilino, onde cresci, apreciando melhor os particulares artísticos e interculturais que oferece”.

O seu entusiasmo, unido e guiado com paixão por Laura, formadora do curso de formação e de pesquisa, permitiu superar as desconfianças iniciais de alguns interlocutores e residentes. Presentemente cada passeio reserva sempre alguma surpresa: um encontro inesperado, uma nova etapa... novas



● Madhobi acompanha dentro do Templo Induista em Torpignattara.
Fotografia: Simona Fossi

perguntas! Os passeios, além de proporcionar a ocasião aos próprios romanos para redescobrir a sua cidade, constituem uma oportunidade preciosa para o encontro e o diálogo com quem os acompanha.

Foi particularmente positiva e motivante a experiência de acompanhamento das turmas, como testemunhado por exemplo por Marta a propósito do passeio com uma turma da escola Pisacane, composta na sua grande maioria por crianças de origem estrangeira, que foi

“das mais intensas e belas que se fizeram: apesar de tão pequenos, foi muito lindo e natural estar com eles, deram-nos verdadeiramente a sensação de todos habitar-mos o mesmo planeta, cada qual com diversas características, mas todos unidos na vontade de conhecer e partilhar”.

Escolas tão abertas e acolhedoras como efetivamente a Pisacane (Torpignattura) e a Di Donato (Esquilino), são um exemplo extraordinário de como o nosso país se poderia tornar rico se apenas soubesse valorizar as diferenças culturais como suporte de uma comum ideia de cidadania.

Migrantour Roma não teria sido possível sem o preciso apoio da Tutora, Laura Valieri e dos nossos acompanhantes interculturais:

Alla Sablina; Amjed Mawlood Rifaie; Andriy Zakharzhevskyy; Fabiani Munguia Tello; Hawa Mohammed Nursadik; Inna Horbachuk; Karolina Anna Glibowska; Katerina Cepiku; Lamine Ka; Madhobi Tasaffa Akramul; Malika Bouirida; Marcia Claudia Japhet de Magalhães; Marciniak Malgorzata; Mariana Banescu; Marilu Nori Garcia Hijonoso; Mykaylo Duminsky; Mouhamadou Ba; Nataliya Vorobyova; Oui Suk Choi; Patricia Nohely Vilca Ninahuaman; Wael El Menshaw; Yulia Abramova; Zineb Traiki

Um especial agradecimento a:

Município I da Câmara de Roma, PROGRAMA Integra, Esquilino2020 LAB, Associação Villaggio Esquilino Onlus, Associação e Pais Escola Di Donato, Projeto Mediação Social – Esquilino, e todas as pessoas que contribuíram a qualquer título para a criação e o crescimento do Migrantour Roma, em particular a Sua Exa. Khalid Chaouki e os comerciantes do Mercado Nuovo Esquilino e de Torpignattara.



Marselha



UMA HISTÓRIA DE MIGRAÇÕES

Marselha é desde sempre um local de passagem, encruzilhada do Mediterrâneo. A Massalia dos antigos gregos é uma cidade portuária que, ao longo da sua história acolheu todos os tipos de pessoas. Para a França é a porta do Oriente e da África subsariana, mas também do “Novo Mondo”. A presença de estrangeiros na cidade é efetivamente de longa data.

A partir do século XVII, o desenvolvimento económico da cidade é fundado na indústria sobre o comércio colonial e baseia-se fortemente nos fluxos migratórios. A Revolução Industrial, que começou a fazer sentir os seus efeitos na segunda metade do século XIX, favoreceu o fluxo à cidade de mão-de-obra imigrada. A burguesia marselhesa, mais comercial que industrial, desenvolveu uma indústria de baixo nível tecnológico, que necessitava de trabalhadores não particularmente qualificados. Já no final do século, metade da população citadina não era de origem marselhesa: entre os três principais grupos de estrangeiros contam-se os italianos (na maioria genoveses e piemonteses), bem como os gregos e as populações do Levante. De facto, até à primeira metade do século XX, os italianos foram o grupo mais numeroso de estrangeiros existente na cidade, empregados sobretudo no sector da construção civil. Ao lado dos estrangeiros, a assinalar também a presença de migrantes provenientes de outras zonas de França: particularmente os corsos, que ao longo do tempo tornaram Marselha a sua cidade de eleição.

A mobilidade intensificou-se no decorrer do século XX, período durante o qual Marselha acolheu novos grupos nacionais: os russos emigrados em 1917, os arménios em 1915 e em 1923, os espanhóis depois de 1936, os magrebinos a partir das décadas entre as duas guerras mundiais, os africanos subsarianos depois de 1945 e os conhecidos por “Pieds noirs” (ou seja os franceses repatriados da Argélia e depois das outras ex-colónias

norte-africanas) depois e durante os anos da descolonização. Várias ondas migratórias prosseguiram durante todo o século, atribuindo à cidade a sua fama de local hospitaleiro e cosmopolita.

No início do século XXI, a multiplicação e a diversificação dos países de origem dos migrantes torna-se cada vez mais notável: romenos [entre os quais uma significativa parte de população *rom* (cigana)], sírios e latino-americanos chegaram para aumentar a família multicultural de Marselha.



OS BAIROS MULTICULTURAIS

Belsunce/Noailles e Panier/Joliette

Diferentemente da maior parte das cidades francesas, o centro de Marselha permaneceu uma zona popular e não sofreu, nas últimas décadas, um forte processo de *gentrificação*. O centro de Marselha oferece por isso aos visitantes o espetáculo de uma cidade popular, multicultural, multiétnica e multirreligiosa. O ambiente é dinâmico e cosmopolita, mais parecido com o de uma cidade da costa meridional do Mediterrâneo do que com muitas cidades francesas.

Contudo, precisamente nas zonas limítrofes aos bairros centrais de Belsunce e Noailles, o espaço urbano foi devastado. Por um lado, o território abrangido pelo projeto de renovação urbana denominada “Euromed”, que se estende pelo menos por 480 hectares, mudou de modo significativo o aspeto e o modo de viver do centro da cidade. Por outro, novas infraestruturas foram criadas como parte das celebrações de Marselha como “Capital Europeia da Cultura” em 2013 ou logo a seguir: a vasta área museológica do MuCEM (*Musée des civilisations de l’Europe et de la Méditerranée*) e a grande área comercial das chamadas Terrasses do porto mudaram profundamente as modalidades de acesso ao mar. Uma nova prioridade é agora dada às zonas turísticas “atraentes” (nova marginal, museus virados para o litoral, centros comerciais e hotéis de luxo), fazendo convergir os fluxos turísticos unicamente para alguns pontos específicos.

Ao contrário destas novas áreas costeiras turísticas, algumas partes do mesmo centro citadino parecem esquecidas nos mapas turísticos e são amiúde descritas como zonas de risco a evitar pelos visitantes. Contudo, os limítrofes bairros de Panier/Joliette, Belsunce/Noailles são particularmente significativos para compreender as múltiplas facetas da cidade. Estas simbolizam perfeitamente a dimensão cosmopolita de Marselha.

O Panier, o bairro mais antigo da cidade, é também o primeiro em que se fixaram os imigrados, todas as principais comunidades estrangeiras se concentraram aqui durante muito tempo, e em particular os italianos. As



1 Panier/Joliette:

Partida: Place de la Joliette

- O porto da Joliette
- Os Docks
- O convento do Panier



MAPA TOUR 1



MAPA TOUR 2

2 Belsunce/Noailles

- O mercado de Noailles



• Loja típica do bairro de Noailles, Marselha
Fotografia: Jameel Subay



VÍDEO DOS TOURS DE MARSELHA



● Maquete de Massalia (Marselha 600 a.c.)
Fotografia: Jameel Subay

comunidades do Magrebe e da África constituem uma grande parte da população de Belsunce e Noailles. No fim da 2ª guerra mundial, estas comunidades participaram ativamente na libertação da cidade formando uma parte significativa do contingente do exército francês.

Até hoje, a história das migrações em Marselha e do seu enlace com o desenvolvimento social e económico da mesma cidade, permanece em grande parte desconhecida. Pelo contrário, num contexto político cada vez mais complexo, os estrangeiros, ou os que são considerados como tais, tornaram-se objetos de estigmatização: fortemente denegridos, sendo frequentemente considerados os únicos responsáveis pelos males da sociedade francesa.



OS PERCURSOS MIGRANTOUR

É neste contexto, e para contribuir para a luta contra os preconceitos e lembrar a longa e rica história das migrações em Marselha, que o projeto Migrantour Marselha criou dois itinerários urbanos interculturais no centro da cidade.

1 Panier/Joliette: De um porto ao outro, entre transformações económicas e acolhimento

O passeio conduz à descoberta da história da transformação urbana destes bairros do século XIX aos nossos dias, com particular atenção ao tema do acolhimento dos migrantes. O ponto de partida do percurso é na Place de la Joliette. O porto da Joliette foi construído a partir do século XIX com o objetivo de descongestionar o porto velho. A sua construção e as atividades conexas atraíram uma massa de mão-de-obra estrangeira. Os migrantes começaram a trabalhar não só na construção do porto e no seu funcionamento, mas também nas indústrias e nas fábricas instaladas nas proximidades. Atualmente, as atividades portuárias diminuíram e deram lugar ao sector de serviços, como bem ilustra a reestruturação dos Docks em escritórios. Apesar destas transformações, as marcas do passado industrial da cidade ainda são visíveis. Durante o trajeto, os passeios urbanos relatam as mudanças do tecido económico e social destes bairros e sublinham a importância da ligação com a história local das migrações. O itinerário conclui-se com a etapa ao convento do Panier, tornado hotel de luxo, refletindo a mutação económica da cidade e simbolizando a história de bairros onde o acolhimento dos estrangeiros muitas vezes não é mais que uma memória que se quer cancelar.

2 Belsunce/Noailles: Por trás dos bastidores da cidade

O passeio conduz o visitante através das estreitas ruas destas duas famosas zonas raramente frequentadas pelos turistas, embora sejam próximas dos mais batidos percursos de visita da cidade. O itinerário ajudar-vos-á, através das suas várias etapas, a perceber as atuais problemáticas das pessoas que vivem nestes territórios, as suas histórias, tradições e estilos de vida... Tudo representado pelas muitas pequenas empresas comerciais que, desde os anos 70 e 80, alimentam os intercâmbios entre Marselha e o Magrebe, e que continuam até agora a desempenhar um papel central na economia da cidade. Na realidade, esta ativa “economia de bazar”, em que este mercado de Noailles se assemelha a muitos suk norte-africanos, tomou o lugar do bem mais tranquilo ambiente que caracterizava esta zona da cidade entre os finais do século XIX e o início do século XX, quando os bairros de Noailles e Belsunce eram ainda predominantemente habitados



pelos notáveis da cidade. A partida da burguesia para novas instalações na parte meridional da cidade permitiu, portanto, a fixação dos migrantes chegados a Marselha via marítima ou via ferroviária.

AS VOZES DOS GUIAS

Os percursos de Migrantour Marselha foram concebidos pelos guias interculturais no âmbito do seu curso de formação. As várias etapas foram todas escolhidas com base em histórias, recordações e episódios ligados à sua chegada a Marselha ou à sua vida na cidade. Estes primeiros contributos subjetivos foram sucessivamente integrados por uma importante investigação histórica, conduzida principalmente nos arquivos.

O trabalho de investigação permitiu a todos os participantes perceber como a história das migrações é fundamental para compreender Marselha. Uma migração que não pode só ser reduzida às peculiaridades de uns ou de outros, das diversas tradições culinárias ou dos diversos modos de vestir...

Marselha é mais que isto, é uma cidade que contou com a participação ativa para sua construção de todos os marseheses, dos Focesi que a fundaram 600 anos a.C. aos migrantes de hoje, dando vida a uma particular identidade, provavelmente única em França.

É a partir desta construção participada e atenta que os guias de Migrantour vos oferecem uma imersão pela cidade de Marselha. Os passeios são o reflexo quer da sua ligação pessoal à migração (porque chegados eles próprios há pouco ou através das histórias dos seus pais e avós, há muito tempo residentes nos bairros abrangidos pelo projeto) quer da grande história da migração em Marselha. A experiência de Migrantour é por este motivo uma lição de partilha para todos os que participaram (guias, responsáveis do projeto e interlocutores locais) e para todos os que, espera-se, escolherão fazer parte dos passeios de Migrantour Marselha.



● Diana, acompanhante intercultural Marselha
Fotografia: Jameel Subay

Migrantour Marselha não teria sido possível sem o preciso apoio do Coordenador Local, Remi Bellia e dos nossos acompanhantes interculturais:

Barbara Power, Carima Tabet, Diana Macias, Ezequiel Cordero, Farida Touati, Gabriela Carlson, Jameel Subay, Maria Valencia, Mohamed Adi Bouafia, Paola Ceresetti, Steve Manny.

Um especial agradecimento a:

A Cidade de Marselha, o Musée d'Histoire de Marseille, Préau des Accoules de Marseille, Cooperativa Hôtel du Nord, Centro Social Baussenque, Associação Ancrages, Associação Idée Méditerranée.





Paris



UMA HISTÓRIA DE MIGRAÇÕES

Paris Cidade-Mundo, primeira cidade turística do globo, com o seu fabuloso património arquitetónico, os seus célebres museus, os grandes *boulevard*. Paris Ville-Lumière, que no decorrer dos séculos atraiu tantas pessoas de qualquer parte como outras tantas promessas de um futuro melhor, tal como um firmamento de luzes vindas para iluminar a capital com a sua presença.

A primeira grande onda de imigração para Paris teve origem no âmbito da Revolução Industrial por volta da metade do século XIX, com a chegada daqueles que se mudavam das províncias para a capital: de Auvergne, de Aveyron, e depois ainda normandos e bretões, que “balbuciavam” uma língua que os parisienses nem sequer compreendiam. A nova indústria requeria uma grande força de trabalho, que veio a ser fornecida também pelos países vizinhos com a imigração dos italianos e dos belgas. No início do século XX instalaram-se migrantes provenientes do Leste: polacos e judeus russos. Com a 1ª guerra mundial, os polacos, os italianos e os “coloniais” substituíram os trabalhadores e os camponeses franceses, que partiram para combater nas trincheiras. Inicialmente, os trabalhadores argelinos forneceram a maior parte da mão-de-obra proveniente das colónias: com nacionalidade francesa eram facilmente recrutados, ainda que sujeitos ao apertado controlo das autoridades. Com o fim da 2ª guerra mundial e a retoma económica do pós-guerra, o governo francês favoreceu mais uma vez a entrada de trabalhadores estrangeiros em Paris e nas principais cidades de França. São assinados acordos bilaterais com Marrocos e a Tunísia, mas também com Portugal, onde se encontra uma força de trabalho considerada flexível e económica. Paris, a capital do Iluminismo, acolhe também muitos exilados políticos provenientes dos países da Europa oriental e da América Latina.

O aumento da variedade dos transportes e da sua velocidade favoreceu nas últimas décadas a mobilidade das populações em larga escala, dando uma nova imagem da imigração. Imigrados do ex-império colonial continuam a chegar a Paris: vietnamitas e outros grupos daquela que em tempos foi a Indochina, magrebinos e africanos ocidentais, mas também filipinos, chineses e povos provenientes da Europa central e dos Balcãs, como romenos ou kosovares. Atualmente cerca de 450 mil imigrados vivem em Paris.

As novas gerações nascidas e criadas em França exigem igualdade de direitos, lutam contra o racismo e a discriminação, mas também pelo direito ao reconhecimento da sua história esquecida. Paris e a sua região, ao mesmo tempo espaço de integração e de exclusão, cultivam esta ambivalência: depois da comemoração do Bicentenário da Revolução, a viragem em 1998 com a vitória do Campeonato do Mundo de futebol e as tensões seguidas às “revoltas urbanas” de 2005, entrou-se num período de paradoxos, culminado com os atentados do terrorismo islamita de janeiro de 2015. Depois de 150 anos de imigrações, Paris das diversidades é um local onde as lembranças se entrecortam e se inventam novas identidades. Estima-se que atualmente um quinto da população da Île-de-France é de origem extraeuropeia, que mais de um terço provenha de países europeus e que um quarto dos parisienses tenha nascido no estrangeiro, dando assim vida a um mosaico de mais de oitenta nacionalidades numa só cidade: o símbolo de uma história que se escreve no nosso presente.

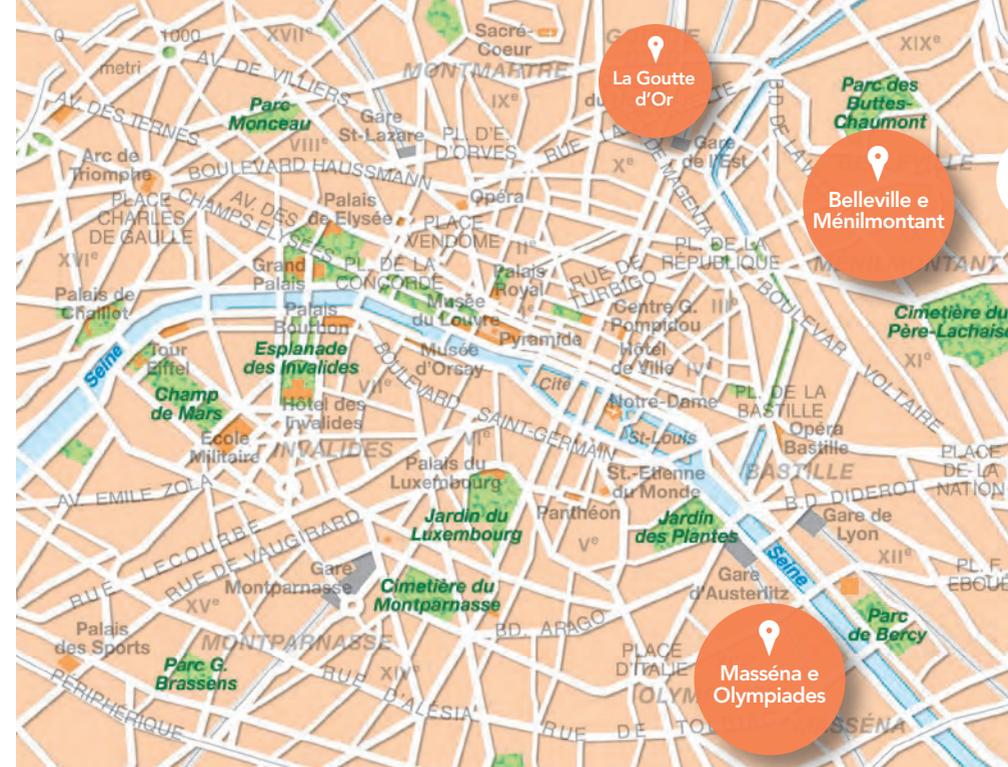
OS BAIROS MULTICULTURAIS

La Goutte d'Or

Situado a leste de Montmartre no XVIII *arrondissement*, este bairro parisiense deve o seu insólito nome de Goutte d'Or (Gota de ouro) ao vinhedo que era cultivado nas encostas e ao vinho branco particularmente famoso que aí se produzia. Em 1860, quando foi integrado na cidade de Paris, a Goutte d'Or torna-se num subúrbio popular muito animado graças às suas várias atividades industriais e comerciais. Atualmente, o bairro atrai cada vez mais profissionais que operam no sector têxtil, da moda, do design, do audiovisual e da restauração.

Belleville e Ménilmontant

XX e último *arrondissement* de Paris, Belleville experimenta a diversidade cultural apostando na extraordinária riqueza da pluralidade de todas as migrações e de todas as línguas que convivem neste território. No início do século aqui se instalam os primeiros imigrados provenientes da Europa do



Paris

1 La Goutte d'Or

Através deste passeio descobriremos o contributo dado pelos migrantes à alta-costura e ao prêt-à-porter francês. Possível extensão da exposição Fashion Mix del Musée de l'Histoire de l'Immigration (MHI)



MAPA TOUR 1



MAPA TOUR 2

2 Belleville e Ménilmontant

Passeando por Belleville descobriremos uma galeria a céu aberto e encontrar-nos-emos com artistas provenientes dos quatro cantos do mundo



MAPA TOUR 3



VÍDEO DOS TOURS DE PARIS

3 Masséna e Olympiades

Partida: Porte de Choisy

- A Igreja católica de Nossa Senhora da China
- Centro comercial Masséna
- Encontro com as associações dos Residentes em França de origem Indochinesa



● Formação no Musée de l'histoire de l'Immigration, exposição permanente "Repères", Paris
Fotografia: Baština

leste: judeus polacos e russos, depois armênios e gregos que contribuem para o desenvolvimento do artesanato, particularmente em peles e calçado. Nos anos 60, inicia a imigração do Norte de África: trabalhadores imigrados magrebinos (na maioria argelinos) e hebreus tunisinos chegados depois da independência tunisina. Atualmente, o seu habitante tipo é o artista e amante do cosmopolitismo: os "Bobo" (burgueses-boémios) simbolizam também a gentrificação de uma Belleville multicultural e ativista.

Masséna e Olympiades

Quando se fala do XIII arrondissement de Paris a ele se associa imediatamente a comunidade asiática que aqui vive. No "triângulo de Choisy", o "Chinatown" de Paris, concentra-se uma forte percentagem de chineses e migrantes do Sudeste Asiático. Após a 2ª guerra mundial, as fábricas de automóveis situadas nas Porte de Vitry recrutavam muitos chineses, refugiados da guerra civil e provenientes da província de Wenzhou. Em 1975, o advento dos governos comunistas no Vietname e Camboja provoca uma nova onda de refugiados, desta vez benevolmente acolhidos pelos parisienses por serem refugiados políticos. As atividades comerciais geridas

por asiáticos são as mais variadas: grandes supermercados, restaurantes, salões de beleza, agências de viagem, agências imobiliárias e bancos.

OS PERCURSOS MIGRANTOUR

1 Fashion Mix alla Goutte d'Or

Baština já propunha no bairro da Goutte D'Or os passeios denominados *Petit Mali*. No âmbito do projeto Migrantour, em colaboração com o *Musée de l'Histoire de l'Immigration* (MHI), foi determinado como tema para o desenvolvimento de um novo itinerário o importante contributo fornecido pelas migrações no sector têxtil e da moda. A Câmara de Paris investiu muito neste âmbito como chave para iniciar uma ampla requalificação da Goutte d'Or, uma zona que anteriormente gozava de má reputação. Através deste passeio descobriremos o contributo que os migrantes deram à alta-costura e ao prêt-à-porter francês, inculcando-lhe criatividade, beleza e elegância de todo o mundo. O itinerário é complementar à exposição "Fashion Mix" do MHI, dedicada aos estilistas de origem estrangeira que enriqueceram a alta-costura francesa, mostrando como a moda não se limita à chamada *Haute Couture*, mas também diz respeito aos artesãos das diversas culturas que habitam e trabalham no bairro.

2 Belleville, Babel Ville

Caminhando por Belleville descobre-se uma verdadeira galeria de arte a céu aberto e usufrui-se de um autêntico ambiente cosmopolita. A comparação com o tema da arte em geral, assim como da arte de rua que se esconde detrás das portas das lojas dos artistas imigrados, permite captar a identidade do bairro. A ideia do passeio é interpretar a relação entre arte e imigração, encontrando artistas provenientes dos quatro cantos do mundo.

3 Masséna e Olympiades: baquetas & baguetes

A grandeza e a influência das comunidades asiáticas no XIII arrondissement sugeriu-nos a escolha do tema do passeio das diversas representações das culturas asiáticas (chinesa, cambojana, laociana, vietnamita, tailandesa) existentes neste bairro parisiense. O itinerário inicia nas Porte de Choisy com a visita a uma gastronomia cambojana, com explicações de produtos e receitas, passa-se de seguida à insólita Igreja de Nossa Senhora da China (os cristãos são uma minoria religiosa na China), para depois prosseguir para o Centro Comercial Masséna, onde as lojas são geridas exclusivamente por asiáticos. Subindo a Avenue d'Ivry encontram-se os representantes da Associação dos Residentes em França de Origem Indochina para um



● Guias interculturais no
Cemitério Muçulmano de Bobigny.
Fotografia: Baština



aprofundamento sobre as três grandes religiões/filosofias: confucionismo, taoísmo e budismo.



AS VOZES DOS GUIAS INTERCULTURAIIS

Ouvimos agora as vozes de algumas das mulheres e homens que acompanharam nestes meses o percurso de formação do Migrantour, começando por Siga, que se tornou guia do passeio sobre moda na Goutte d'Or:

"Eu sou francesa do Mali. Já me interessava pessoalmente por temas sobre a história e a imigração e agora pude incrementar os meus conhecimentos graças ao curso de formação. O projeto Migrantour permitiu-me enriquecer culturalmente através da diversidade dos encontros e dos percursos, e também ultrapassar alguns estereótipos que eu mesma tinha sobre a imigração".

No caso de Siga, um interesse pessoal ligado a conhecimentos que já tinha antes do projeto e que de facto foi transformado, graças às novas competências adquiridas numa oportunidade de crescimento pessoal e concretamente no desenvolvimento de uma profissão.

O cruzamento entre vocação pessoal e novos horizontes abertos graças ao projeto Migrantour emerge também do poético testemunho de Sanja, guia intercultural do itinerário sobre arte em Belleville:

"Venho da Croácia e os meus amigos chamam-me 'pássaro migrador'. O meu amor pelas viagens não me deixa ficar muito tempo no mesmo lugar. Habitando em Paris, no bairro popular de Belleville, basta atravessar a rua para ao mesmo tempo encontrar culturas diversas e mistas. Aqui descobri um pequeno mundo que não deixa de me encantar. Paris tornou-se o meu ninho e agora posso viajar pelo mundo passeando simplesmente pelas ruas de Paris. Esta diversidade cultural é um bom exemplo para mim, contra todas as dificuldades e limitações da sociedade como o racismo e o nacionalismo. Não é surpreendente que um bairro como Belleville seja um oásis de energia criativa onde tudo é possível. E que mais poderia desejar um pássaro migrador do que poder ter um ninho num oásis?"

Migrantour Paris não teria sido possível sem o preciso apoio do Coordenador Local, Stefan Buljat e dos nossos acompanhantes interculturais:

Mody Kébé, Amara Djikiné, Yussuf Siby, Mahamadou Siby, Vazumana Fofana, Fatima Ethaka Nkoy, Sanja Lokas, Binh Bui Duc, Tamara Mesaric, Alfa Bah, Mato Rados, Leila Koochakzadeh, Siga Maguiraga, Mohamed Lamine Sissokho, Jozsef Farkas, Tuan Anh Dao, Ping Cécile Huang, Yuan Hua Xu, Siu Kwan Delon, Ndero Sou Ndagoy, Angela Ojeda Zolorzano, Dépe Kanté, Magalie Segouin, Arleni Daloz.

Um especial agradecimento a:

Aide à l'insertion sociale des personnes en difficulté (Aisped), Association Bienfaitante et Culturelle de la Mission Croate (Abcmc), Association des Jeunes de Marena Diombougou en France pour le Développement Local (Ajomdf.dl), Autre Monde, Centres sociaux et culturels 13 Pour tous et La 20e chaise, CDT 93 et 94, Direction politique de la ville et de l'intégration (Dpvi) Observatoire de la diversité culturelle, La boutique de Paris, La Ligue de l'enseignement, La Mairie de Paris, Les jardins numériques, Connivence Monsieur Bachelor, Office de tourisme de Montreuil, Région Île de France, Réseau Mémoires-Histoires, Réseau ATES, Yvelines Actives, le Université Paris I La Sorbonne, Paris III Sorbonne Nouvelle, Paris V Descartes e os estudantes do mestrado "Expertise ethnologique en projets culturels et touristiques", o Musée de l'histoire de l'Immigration e Monsieur Djibril Bâ à Château Rouge e a todos os docentes do curso de formação.





Valência



UMA HISTÓRIA DE MIGRAÇÕES

No decorrer do tempo a sociedade valenciana incorporou várias imigrações que contribuíram em grande parte para a formação da sua específica personalidade. Nos últimos anos assistiu-se a uma grande transformação da cidade estreitamente ligada aos novos processos migratórios: o acolhimento, a instalação, as migrações de entrada e os regressos, tudo num breve tempo. Enquanto uma primeira fase foi caracterizada pela chegada de imigrantes, recentemente criaram-se novos movimentos de emigração na sequência da crise económica e da precarização da vida. Uma precariedade que atinge as famílias tanto dos imigrantes chegados recentemente como daqueles que já foram naturalizados espanhóis. Esta realidade atinge também a população natural de Valência, que começou a migrar quer dentro de Espanha quer para o estrangeiro.

Na cidade de Valência, a população imigrada atingiu o seu pico em 2009 (precisamente no início da crise económica) atingindo 15% do total dos residentes. Desde aquela altura começou a diminuir, descendo até aos 12% em 2014. Segundo os últimos dados do Instituto Nacional de Estatística, os dez mais numerosos grupos nacionais presentes na cidade são, por ordem: romenos (mais de 11 mil), bolivianos (9 mil), equatorianos (7 mil), colombianos e italianos (cerca de 6 mil), chineses e paquistaneses (cerca de 5 mil), búlgaros, marroquinos e nigerianos (cerca de 3 mil).

Como abordado anteriormente, a crise económica está a atingir duramente as classes mais frágeis e os imigrantes estão bem no centro desta tempestade. A partir de 2010, a diminuição das novas chegadas e o forte crescimento dos regressos aos países de origem devido às piores condições de vida, levou o número dos imigrantes aos níveis da década anterior: cerca de um quarto dos imigrantes deixou Valência. A isto junta-se o nível cada vez mais baixo dos empregos de quem ficou: trabalhos precários e mal pagos

ligados à economia paralela ou sazonal. Como se observou, para muitos imigrados o modo de sentirem-se integrados mede-se principalmente por ter um trabalho e manter as relações familiares e as amizades. A solidão é atualmente um peso para muitos, porque a situação das relações familiares tornou-se mais difícil, porque perderam o trabalho ou o mesmo tornou-se precário a níveis insuportáveis, ou ainda porque as pessoas que anteriormente eram a fonte de apoio e amizade afastaram-se.

OS BAIROS MULTICULTURAIS

Orriols

O local escolhido para as atividades do projeto Migrantour é o bairro de Orriols, na zona norte da cidade. O bairro, como hoje o conhecemos, formou-se através de três ondas de imigração que se sucederam entre a segunda metade do século passado e o início do atual. Além do núcleo originário dos camponeses locais, a primeira grande imigração foi constituída pelas famílias dos prisioneiros da colônia penal situada no Mosteiro de Sant Miquel dels Reis, prisioneiros na sua maioria republicanos, vítimas de represálias por parte do regime de Franco. Estas famílias foram viver para o bairro para poder visitar e dar assistência aos seus familiares detidos. A segunda onda de imigrados verificou-se entre os anos 60 e 70 do século XX e está ligada ao êxodo do mundo rural para a cidade. Esta imigração, muito numerosa e decisiva na moldagem do ambiente social e da urbanística do bairro, provêm na sua maioria das regiões da Estremadura, Andaluzia e Castilha-La Mancha. A terceira chegada de imigrados tem as suas origens nos primeiros anos deste século e diz respeito a cidadãos estrangeiros, principalmente pessoas originárias da América Latina e de África. Segundo os dados dos primeiros meses de 2014, a população imigrada em Orriols é 27% do total dos residentes, mais do dobro da média cidadina. Os países de proveniência mais representados são, por ordem, Equador, Bolívia, Colômbia, Roménia, Nigéria, Argélia e Paquistão. Orriols é um bairro de ruas apinhadas, um bairro dinâmico, com uma grande atividade social. Encontra-se fora dos tradicionais itinerários turísticos da cidade e é um território que sofreu uma grave deterioração do seu património histórico devido às políticas locais de especulação imobiliária. Algumas das suas joias arquitetónicas são de fato de primeiro nível: o antigo mosteiro de Sant Miquel dels Reis (um exemplo do Renascimento valenciano) e as casas medievais e de Albors. Ao mesmo tempo, Orriols é o único bairro de Valência onde convivem diversos centros religiosos ao lado dos católicos: o Centro Cultural Islâmico, a Igreja evangélica e o templo Sikh.



1 Orriols escondido

Partida: sede de Valência Acoge

- Loja do talho halal
- O Centro Cultural Islâmico de Valência
- As casas do Centro histórico de Orriols
- A Capela de San Girolamo
- O projeto Orriols Con-Vive
- A antiga igreja gótica do mosteiro desaparecido de Santa Caterina da Siena
- O estádio de futebol do Levante
- A sede da Igreja Evangélica
- As Alquerías de Albors
- O Templo Sikh
- O Velho mosteiro de Sant Miquel dels Reis, sede da Biblioteca Valenciana



MAPA TOUR 1



VÍDEO DOS TOURS DE VALÊNCIA



● Visita ao talho halal "Al Manara", em Orriols.
Fotografia: Associació Perifèries del Mon

Têm também sede no bairro várias organizações sociais que se ocupam da requalificação da zona e do acolhimento dos imigrantes. O seu trabalho é tão importante que algumas destas organizações são uma referência não só para a cidade como para o Estado. Podemos citar Valência Acoge e o projeto, de recente constituição mas de grande sucesso, denominado Orriols Con-Vive.



OS PERCURSOS MIGRANTOUR

1 Orriols escondido

O passeio propõe-se ligar diversos espaços sociais, culturais e comerciais que tornam Orriols um bairro único em Valência pela riqueza do seu caráter intercultural.

A viagem inicia junto à sede da Valência Acoge, organização que trabalha no acolhimento, apoio e consultoria aos imigrantes em toda a cidade. Trata-se de uma importante partida de caráter social e, daqui, encaminha-se para atravessar uma área não particularmente atrativa à primeira vista, mas com outras características que a tornam numa meta interessante, ainda que desconhecida mesmo para os seus habitantes. Na parte comercial do percurso, visita-se uma loja de açougue *halal*, onde se explica o método de abate segundo os preceitos islâmicos. Desta etapa, a pouca distância, chega-se ao Centro Cultural Islâmico de Valência, ponto de encontro da comunidade muçulmana da cidade. Aqui ser-nos-ão ilustradas as atividades (quer religiosas, educativas ou sociais) que tornam o Centro um catalisador de desenvolvimento e local de reunião para a comunidade local. Precisamente à frente do Centro podem-se ver as poucas casas que permanecem como era o centro histórico de Orriols, com as suas ruas estreitas e as antigas habitações (algumas de origem medieval). São vestígios que nos dão uma ideia daquela que foi a Calle Mayor, com o Município (agora demolido) e de frente da prisão da cidade. Por trás deste núcleo de casas abre-se atualmente um grande campo, que deverá mais tarde ou mais cedo tornar-se num jardim (assim foi prometido várias vezes), e aqui encontra-se também a capela de São Girolamo.

O passeio prossegue com os aspetos sociais e interculturais visitando o projeto Orriols Con-Vive, cuja sede é um ponto de encontro para as pessoas e para as várias organizações do bairro. Visita-se ainda um dos monumentos mais interessantes: a antiga igreja gótica do já desaparecido mosteiro de Santa Catarina de Siena, que em 1971 foi transferida pedra a pedra do centro de Valência para Orriols. Daqui veremos ainda o estádio de futebol do Levante, construído sobre um dos muitos moinhos medievais hoje desaparecidos.

Prosseguiremos de rua em rua através do bairro para chegar à sede da Igreja Evangélica, cujos membros são sobretudo Rom. Precisamente ao lado da igreja encontram-se as Alquerías di Albors, casas medievais para uso agrícola recentemente reestruturadas. Basta, além disso, atravessar a rua para visitar o templo Sikh, onde nos serão explicados interessantes rituais e costumes. O percurso conclui-se no velho mosteiro de Sant Miquel dels Reis, joia do Renascimento mediterrâneo, no passado transformado em prisão e atualmente sede da Biblioteca Valenciana.



AS VOZES DOS GUIAS INTERCULTURAIIS

"Particpei no curso de formação porque gosto do que estou a ver e a fazer. Conheci outras pessoas e estou a descobrir uma cidade diferente. Este projeto



é a ocasião para dar uma outra visão da realidade da cidade a todas as pessoas que são curiosas de saber”.

O testemunho de Jenny, uma das pessoas que frequentaram o curso para guias interculturais, resume muito bem as motivações e o entusiasmo com que mulheres e homens de diversos países e com diversas histórias de migrações atrás de si se aproximaram do Migrantour Valencia.

Há quem, como Mamady, viu em primeiro lugar no projeto uma ocasião para participar de um modo mais ativo na vida social e de maioritariamente se sentir integrada:

“Ser um acompanhante intercultural ajudar-me-á a integrar-me mais e melhor na sociedade local. A ideia de descobrir e contar a cidade de um ponto de vista diverso agrada-me muito e penso que possa ter um futuro”.

Pelo contrário, o pensamento de Margarita passa já para o momento em que poderá transmitir o que aprendeu durante o curso e a criação dos itinerários para as pessoas que acompanhará, e em particular para os jovens das escolas:



● Visita ao Mosteiro de Sant Miquel dels Reis, em Oriols.

Fotografia: Associació Perifèries del Mon

“Agrada-me a ideia de dar a conhecer Oriols aos estudantes e guiar os outros para conhecer a história e a cultura do bairro. Também sou uma migrante e penso que todos nós temos o direito de migrar e gosto da riqueza que a multiculturalidade nos dá individual e coletivamente”.

Certamente os guias do Migrantour têm bem presente o momento difícil que Valência está a atravessar, vivem-no na sua própria pele, e quase todos sublinham como o projeto não só é útil para aprender muitas coisas sobre a cidade, como também é uma concreta esperança para encontrar um trabalho e para abrir novos caminhos no futuro imediato, como sublinha por exemplo Rajanee:

“Gosto muito de viver em Valência ainda que as coisas não sejam fáceis. Creio que a formação recebida no curso possa ser importante para o meu futuro. Gosto muito do que estamos a fazer e quero pô-lo em prática o melhor possível”.

Migrantour Valência não teria sido possível sem o precioso apoio do Coordenador Local, Tomas Eduard de los Santos e dos nossos acompanhantes interculturais:

Abdelaziz Stitou, Bessy Ramírez, Cynthia Arheghan, Jenny Palomino, Jhader Riascos, Khadir Mohamed, Lenin Pomari, Mamady Sacko, Margarita Hacha, Marian San Román, Ramzi S. M. Mohtasib, Rayanee Kharel, Rolando Morán, Rosaalba Labaut, Yubelis Vilches
Um especial agradecimento a:

València Acoge, Oriols Con-Vive, Associação Entreiguales Valencia, Ruta del Despilfarro, Coletivo Xarxa Urbana, Associação Abya Yala, Florida Grup Educatiu Cooperatiu, Clube de viatges Fil-per-randa, Universidade de Valencia - Unidad de investigación de Turismo y Ocio, Associação Mandinga, Centro Cultural Islâmico de Valência, Associação dos Comerciantes de Oriols e Benimaclet, Igreja Evangélica de Oriols, Templo Sikh de Oriols.



● Cabeleireiro africano, Lisboa.
Fotografia: Carla Rosado



Lisboa



UMA HISTÓRIA DE MIGRAÇÕES

A história de Lisboa e da Mouraria fundem-se ambas originando a presença de diversas pessoas e culturas. Em 1143 Lisboa foi conquistada por D. Afonso Henriques, tornando-se numa cidade cristã e sendo depois escolhida como capital do Reino de Portugal. Remonta a esta época o nascimento do bairro da Mouraria, edificado fora dos muros como o único território onde os mouros eram autorizados a residir.

No século XVI, os primeiros imigrados foram forçadamente trazidos como escravos para Lisboa, que naquela época era de fato o maior centro europeu do florescente comércio de escravos. O número de escravos presentes na cidade atingia 10% do total da população, de 100 mil habitantes. No século XVIII, a construção de um grande número de novos edifícios públicos e religiosos comportou o desenvolvimento de significativos fluxos de trabalhadores imigrados provenientes da Galiza, uma presença que viria a deixar marcas significativas na paisagem urbana e na gastronomia local. Ao longo do século XIX e XX, o êxodo do mundo rural deu vida a um forte crescimento demográfico, assim como no início dos anos 70 do século XX a nova migração das colónias portuguesas, particularmente Cabo Verde, apareceu como uma resposta à necessidade de mão-de-obra na capital. Em 25 de abril de 1974, Portugal torna-se numa democracia depois de 48 anos de ditadura. Foi este o início da fase de descolonização de Angola, Moçambique, Cabo Verde e Guiné-Bissau. Entre abril e novembro de 1975, Portugal acolheu das ex-colónias meio milhão de portugueses e seus descendentes. Em finais dos anos 80, a imigração africana dos países de língua portuguesa assumiu uma natureza económica. Simultaneamente aos fluxos provenientes de África, começou a chegar também um crescente número de imigrados do Brasil, beneficiando dos acordos bilaterais entre os dois países e de especial legislação de regularização. Dos anos 90 até

hoje, por fim, as migrações para Lisboa abrangeram novos contextos de partida, como a da Europa oriental (Ucrânia, Rússia, Roménia e Moldávia) e a Ásia (China, Índia, Bangladesh, Paquistão).

OS BAIROS MULTICULTURAIS

Mouraria

Na Mouraria estão representadas mais de 50 nacionalidades, com uma taxa de residentes estrangeiros (24% sobre o total da população) bem maior do que a média cidadina (cerca de 9%) e nacional (menos de 4%). As comunidades imigradas mais numerosas são as do Bangladesh, Índia, China e Brasil, enquanto as comunidades africanas têm tendência para residir nos bairros limítrofes, ainda que habitualmente frequentem a Mouraria por razões comerciais, laborais e de serviços.

O território da Mouraria é extremamente rico do ponto de vista do património histórico, sendo de fato um dos mais antigos bairros da cidade: aqui viveram os mouros depois da conquista cristã, aqui nasceu o fado e aqui se estabeleceram os migrantes provenientes, antes da Galiza e depois do resto do mundo. Considerado até há pouco um bairro socialmente degradado, situado nas proximidades do elegante centro citadino, a Mouraria na realidade é atualmente o novo centro de Lisboa do ponto de vista cultural, social e comercial, graças a um profundo processo de requalificação urbano conduzido pela Municipalidade e pelas organizações locais. O bairro é uma espécie de “laboratório” de integração, como símbolo do multiculturalismo e do cosmopolitismo, cuja atmosfera das ruas se assemelha à de um grande mercado a céu aberto, com produtos, alimentos, línguas, sons, religiões e vidas provenientes de qualquer canto do mundo. Pouco a pouco, o território tornou-se também palco de novas atividades artísticas e comerciais geridas por portugueses e europeus, como testemunho do desenvolvimento de novas dinâmicas relativas à indústria dos tempos livres, dos consumos e dos divertimentos, que já identificam a Mouraria como uma zona “trendy” e atrativamente “vintage”.

O mundo associativo tem uma longa tradição no bairro, como é bem visível pela multiplicidade de associações desportivas e religiosas. Graças a tal riqueza, a Mouraria é animada por dinâmicas de comunidades únicas no panorama citadino, que permitem além do mais realizar uma série de importantes eventos culturais. São dois em particular os momentos em que cada ano emerge com mais força o espírito do sítio e as portas se abrem a toda a cidade e ao mundo: em junho, com as festividades ligadas a Santo António, as ruas enchem-se de música e do cheiro das sardinhas assadas,



Lisboa

1 O primeiro itinerário

- Partida:** Largo de São Domingos
- O Centro Comercial da Mouraria
 - A Rua do Benfornoso



MAPA TOUR 1



MAPA TOUR 2

2 Da Mouraria ao mundo inteiro

- A Casa Comunitária da Mouraria
- A Rua do Capelão
- A Praça do Martim Moniz
- Largo do Intendente



VÍDEO DOS TOURS DE LISBOA

enquanto na primeira semana de maio desfila a Procissão de *Nossa Senhora da Saúde*, a mais imponente e antiga da cidade.

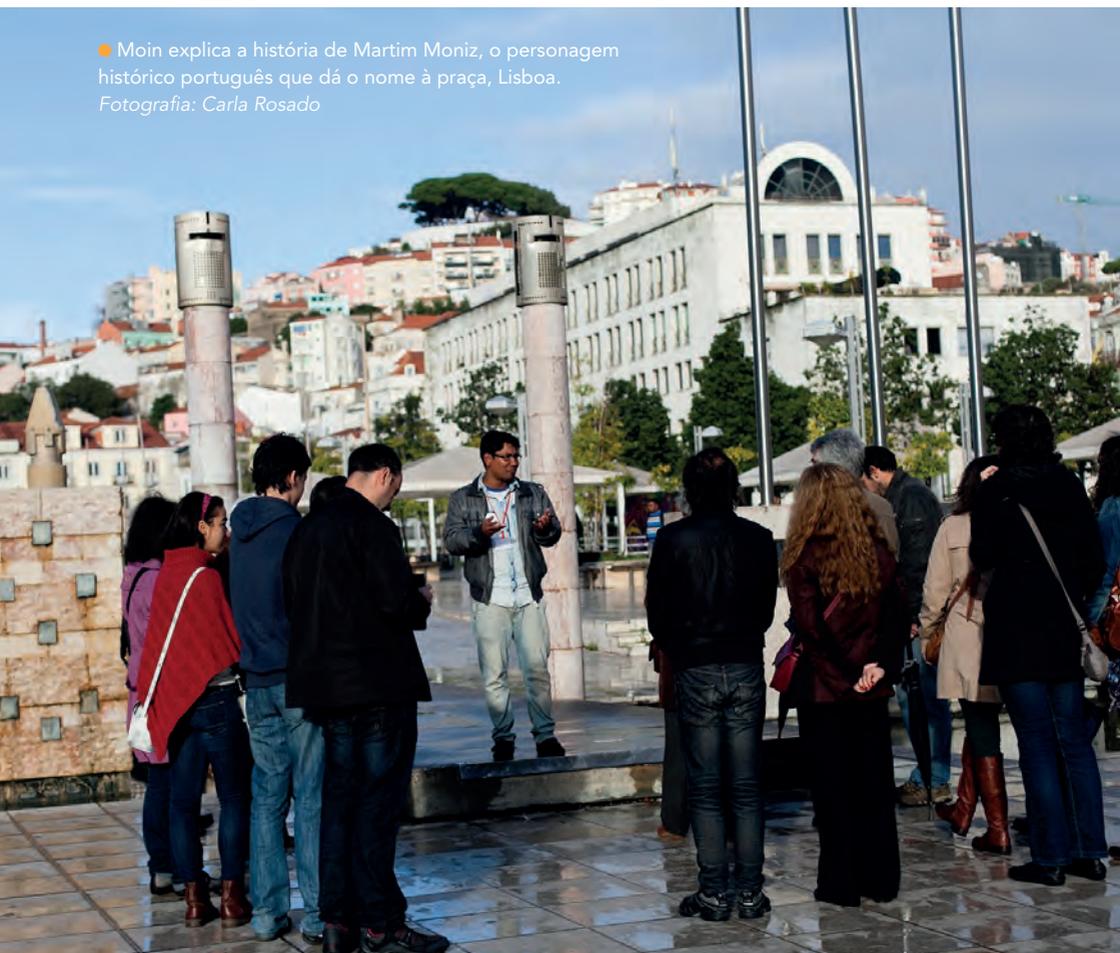
OS PERCURSOS MIGRANTOUR

Há mundos dentro da Mouraria

A Mouraria é o bairro mais multicultural de Lisboa. Pessoas, música, vozes e cheiros do mundo tornam este território num local único no seu género. Aqui pode encontrar-se de tudo, dos alimentos africanos aos chás chineses, passando por talismãs e amuletos religiosos, gadgets eletrónicos, mesquitas, restaurantes, filmes de Bollywood e notas de fado, tudo imerso numa intensa vida comunitária e cultural promovida por organizações locais.

O **1º primeiro itinerário** do Migrantour Lisboa articula-se ligando três etapas principais. Em primeiro lugar, *Largo de São Domingos*, onde

● Moin explica a história de Martim Moniz, o personagem histórico português que dá o nome à praça, Lisboa.
Fotografia: Carla Rosado



surge uma das mais importantes Igrejas ortodoxas da cidade, mas também ponto de encontro das comunidades africanas, que aqui dão vida a um mercado informal onde se vendem produtos típicos (*cola, mancara*) e se disponibilizam pequenos serviços (arranjo de sapatos e malas). Depois, *Centro Comercial da Mouraria*, onde se podem encontrar todos os possíveis produtos de proveniência asiática. E, finalmente, a *Rua do Benfornoso*, o coração da comunidade bengali, com os seus restaurantes, os talhos halal, os cabeleireiros e tudo o mais.

2º Da Mouraria ao mundo inteiro

Neste passeio, os visitantes têm a possibilidade de descobrir a Mouraria de ontem e de hoje, parando em todos aqueles espaços onde as diversas comunidades migrantes dão o seu contributo para construir o mosaico cultural do bairro. Um mix de fado, aromas orientais, lojas indianas, chinesas e bengalis, mas também locais renovados graças ao contributo de artistas contemporâneos e das organizações locais.

As principais etapas deste percurso são: *Casa Comunitária da Mouraria*, a sede da Associação Renovar a Mouraria, com a sua cafetaria aberta ao público e o rico programa de eventos culturais. A Associação desenvolve atividades permanentes de apoio às comunidades locais (por exemplo aulas de português para os migrantes, gabinete da cidadania, apoio educativo). *Rua do Capelão*, a área do bairro mais tradicionalmente portuguesa, onde é possível respirar a história do fado em todos os seus passos. Martim Moniz, grande praça com vários quiosques onde é possível degustar especialidades culinárias de todo o mundo. E, para concluir, *Largo do Intendente*, a zona mais “trendy” da Mouraria, rica em estabelecimentos comerciais, locais de inspiração “vintage”, mas também de projetos sociais e culturais.

AS VOZES DOS GUIAS INTERCULTURAIS

Entre todas as pessoas que frequentaram o curso de formação Migrantour Lisboa, apresentamos a seguir alguns testemunhos que ilustram a relação desenvolvida pelos guias interculturais com o bairro da Mouraria e o papel que o projeto desempenhou nesta sua particular viagem de descoberta e conhecimento. Moin é natural do Bangladesh e vive na Mouraria desde julho de 2010. Chegado a Portugal como estudante, Moin está atualmente empenhado numa série de trabalhos que lhe permitem viver e que o ligam fortemente ao bairro:

“Eu sinto-me como um do local. A Mouraria é um bairro internacional, não sei como é possível que tantas pessoas, tantas nacionalidades, culturas e religiões possam estar num sítio tão pequeno! No início notava que o



bairro não me pertencia porque eu vinha de fora, mas depois cresci e encontrei muitas boas pessoas. Não sei como será o meu futuro, mas aqui sinto que estou em casa!”.

Para Moin, o projeto Migrantour foi uma ótima ocasião para descobrir o bairro nos seus aspetos menos habituais:

“Adorei as aulas e os professores, que foram uma verdadeira fonte de inspiração”, conta. “Este projeto é como se me tivesse dado uma nova identidade, abriu-me muitas portas, deu-me a conhecer novas pessoas, culturas e tradições”.

Lumbala veio do Congo para Lisboa em dezembro de 2008. Estudou e obteve uma licenciatura em direito na Universidade de Kinshasa e atualmente trabalha como soldador.

“A Mouraria é para mim um lugar de encontro com amigos e conhecidos. Aqui encontro marcas da cultura africana, da comida e da música. Tornar-me guia intercultural ajudou-me a adquirir confiança em mim próprio, a fazer novas amizades e, quem sabe, a aprender uma profissão que um dia poderá vir a ser uma das minhas principais ocupações”.

● Lumbaka, guia intercultural em Lisboa, enquanto mostra alguns produtos africanos.

Fotografia: Carla Rosado



Fátima, por sua vez, é professora, descendente de migrantes cabo-verdianos residentes em Portugal desde há mais de 40 anos:

“Casei-me com um moçambicano, muçulmano de origens indianas, que cresceu e passou toda a sua vida na Mouraria. Assim descobri o bairro! Para mim é um pouco como a Torre de Babel, construída e reconstruída cada dia apesar da diversidade das línguas e da sua perfeita *desarmonia*”.

Estas e muitas outras são as histórias que poderão ouvir passeando pelas ruas da Mouraria na companhia de Moin, Lumbala e Fátima, mas também de Ronaldo e Abílio (originários do Brasil), Sonya (da Bulgária), Suzanna (da Polónia), Ema (de Angola), Karolyn (do Irão) e de todos os guias interculturais do Migrantour Lisboa!

Migrantour Lisboa não teria sido possível sem o precioso apoio da Coordenadora Local, Ana Isabel Castanheira, da Tutora, Filipa Bolotinha, e dos nossos guias interculturais: Kimbuku Lumbala, Moin Ahamend, Ronaldo Azevedo, Abílio Soare, Sonya Laucheva, Karolyn Morovati, Zuzana Szpura, Ema Jamba, Fátima Ramo, Filomena Farinha, Glauciene Melchior, Argentina Malhoa, Antónjo Macedo, Zoltan Baltiz, Anderson, Celso Soare, Jorge Monteiro, Fábio Soares, Anklis Neto, Adelson Pereira

Um especial agradecimento a:

ACM - Alto Comissariado para as Migrações, SOLIM - Solidariedade Imigrante, Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, Gabinete Encruzilhadas do Mundo – Câmara Municipal de Lisboa, IGOT – Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, ESHTe - Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, INE – Instituto Nacional de Estatística.





● Hicham, guia intercultural, mostra o mapa de Marrocos, o país de origem de Nadia, que gere uma banca no mercado de Varese.

Fotografia: Ninguém Excluído

Conclusões



A VIAGEM CONTINUA!

O projeto europeu Migrantour conclui-se mas a rede continua. Completados os cursos de formação, criados os novos itinerários interculturais, explorada a cidade com curiosidade e vista com emoção, ansiedade e entusiasmo a prova dos primeiros guias de adultos e estudantes, apresenta-se agora o desafio mais fascinante: tornar os passeios sustentáveis no tempo, dar-lhes vida, crescimento e desenvolvimento mesmo depois do fim do projeto cofinanciado pela União Europeia, alargar a rede Migrantour a outras cidades e a outros países europeus.

O caminho está traçado: nas novas cidades do projeto a proposta de itinerários urbanos interculturais acompanhados por cidadãos de origem estrangeira deverá tornar-se prática habitual, fruto de uma oferta cultural que conjuga o empenho social a favor da integração e de uma maior coesão social entre os residentes com o prazer de visitar os bairros multiculturais, para se afirmar completamente como um novo modo de viver a cidade.

A rede Migrantour deverá propor-se como fonte de inspiração e polo de atração para outras realidades que queiram replicar o projeto no seu território ou aproximar-se levando consigo a experiência de atividades similares já iniciadas no próprio contexto. Uma dupla perspetiva de alargamento da rede já experimentada durante o projeto graças ao encontro com quatro cidades que, cada uma com os seus tempos e modalidades, se aproximaram de Migrantour para juntas completar uma nova viagem.

Juntos com Migrantour: Nápoles, Lyon, Varese e Arezzo

Nápoles em movimento para se tornar uma cidade Migrantour. A realização dos passeios foi promovida pela Sociedade Cooperativa Social Casba (www.coopcasba.org), cooperativa de mediadores linguístico-culturais ativa desde



há muitos anos no território. Foram protagonistas do curso de formação para guias interculturais 15 cidadãos de diversas nacionalidades (Senegal, Sri Lanka, Somália, Equador, Gâmbia, Rússia, Peru, Ucrânia, Costa do Marfim, Mauritània e Geórgia) que se empenharam no estudo da história das migrações que abrangeram as cidades, experimentaram as técnicas de acompanhamento aprendendo a falar em público, de modo abrangente e contribuíram na primeira pessoa para a construção dos itinerários através da participação na investigação e no trabalho de campo.

Nápoles, como todas as metrópoles do mundo, é uma cidade multiétnica e a sua identidade é um puzzle de culturas, estilos de vida, pontos de vista diversos que vivem e convivem no mesmo território. Olhando só para o último século, à população “autóctone” juntou-se desde há mais de trinta anos a presença de comunidades de origem estrangeira que já fazem parte integrante da vida quotidiana e que, dia após dia, contribuem para escrever uma página da história de Nápoles. Conhecer a cidade através dos olhos dos seus novos habitantes é, pois, uma imperdível ocasião para escrever um conto verdadeiro da cidade, abrir novas portas, descobrir riquezas e impensadas belezas.

O mercado senegalês da Piazza Garibaldi com os seus produtos típicos, as mesquitas do bairro Mercato, as pedras importadas da Índia e as bijutarias da China da Porta Nolana, os primeiros *fast-food* magrebinos chegados à cidade, os *phone center* somalis, as pastelarias árabes são só algumas das etapas dos três percursos que a Cooperativa Casba acionou na cidade e que oferece a turistas, cidadãos, estudantes ou simples curiosos com o título “Napule è mille culture” (Nápoles é mil culturas). Única bagagem pedida para os passeios: a vontade de imergir com todos os sentidos nos sabores, cores, ambiente e tradições de mundos longínquos que habitam a cidade partenopeia.

O caso da cidade francesa de Lyon é emblemático de uma história que encontra Migrantour no decorrer da sua experiência. O Réseau DéPart, que reúne uma dúzia de associações de turismo solidário da região aderentes ao CADR (*Collectif des Associations de Développement en Rhône-Alpes*), a pedido da municipalidade de Lyon lançou, desde 2012, um programa de passeios “solidários” através da cidade. Passeios de duas horas que levam à descoberta de um bairro histórico de Lyon, a Guillotière, através de encontros e testemunhos. A Guillotière, na margem esquerda do Ródano, é desde sempre a porta de entrada da cidade: encruzilhada de intercâmbios, a sua é uma história feita de contínuos fluxos migratórios. Depois do estabelecimento dos italianos no século XIX, chegaram os gregos, arménios, judeus asquenazes nos anos entre as duas guerras, depois os migrantes do Magrebe durante o boom do pós-guerra e até aos anos 80 e 90, bem como refugiados provenientes do

Sudeste asiático e migrantes da África subsariana. O objetivo dos passeios é descobrir o bairro na sua riqueza (social, cultural, económica), indo ao encontro dos seus atores (comerciantes, artesãos, residentes, migrantes) e, logo, à superação dos estereótipos ligados a este tipo de território.

Nápoles e Lyon são duas grandes metrópoles, como todas as cidades parceiras do projeto Migrantour. Os passeios interculturais podem ser imaginados e realizados também em contextos urbanos de menores dimensões e, à luz da história das migrações, tanto em Itália como noutros países europeus, têm também interesse para pequenos centros de província. Nessuno Escluso Onlus, (Ninguém Excluído) foi criada em 1998 no Distrito de Varese e ativa quer no campo da cooperação quer em Itália com projetos a favor da inclusão social, em colaboração com a “*I Fiori per l'integrazione*” (As Flores para a Integração), associação de promoção social criada por migrantes para favorecer um percurso de educação para a cidadania ativa, realizou dois percursos: um no centro histórico de Varese e outro no concelho limítrofe de Gallarate. Os percursos são dedicados aos alunos das escolas da zona mas também a um público adulto, esclarecendo a transformação da cidade e do território urbano, dando uma panorâmica sobre a situação atual da migração, dos locais de culto e de reunião e privilegiando o encontro com testemunhas diretas que vivem e trabalham no território cidade e que apresentam a sua concreta experiência de vida. O percurso de Varese realiza-se de um modo muito original, seguindo as histórias emblemáticas de dois migrantes chegados à cidade em épocas diferentes, no início do século XX e nos nossos dias. Passeios cativantes para jovens e estudantes, que traduzem sobre o território a experiência adquirida pelos promotores em anos de trabalho nas escolas, através de estudos interculturais dedicados ao tema das migrações.

Também em Arezzo, capital do distrito toscano, as escolas locais serão as primeiras beneficiárias dos itinerários interculturais ativados pela Oxfam Itália na zona do centro, da Casa das Culturas, até Saione, na primeira periferia da cidade. Depois de uma primeira fase de estudo do território que abrangeu mediadores e educadores interculturais já a operar no território aretino, realizaram-se alguns passeios-piloto dirigidos a cidadãos estrangeiros apenas acabados de chegar a Arezzo e acolhidos em várias instalações da cidade. Logo a partir do outono de 2014, iniciou-se um percurso formativo mais estruturado, que levará à criação dos passeios a propor aos estudantes toscanos a partir do próximo ano letivo.

Além Migrantour: Nova Iorque, Hong Kong e mais lugares (3139)

O projeto europeu constituiu uma preciosa ocasião para entrar em contato e criar relações com experiências de turismo urbano ligado ao tema das mi-

grações que existem para além do território europeu e com as quais, a rede Migrantour poderá consolidar no futuro imediato um intercâmbio de boas práticas. Exemplos de grande interesse não faltam a nível internacional, e nestas reflexões finais em dois casos: Nova Iorque e Hong Kong.

Em Nova Iorque é significativa a atividade do *Tenement Museum*, museu dedicado à imigração no Lower East Side de Manhattan e instalado no interior de uma habitação de 1863, que acolheu durante décadas mais de 7.000 pessoas de origem imigrada. As salas do museu estão montadas nas divisões habitadas durante muito tempo por famílias italianas, irlandesas e polacas e relatam os percursos biográficos e os espaços da vida quotidiana dos migrantes que chegaram à cidade entre os séculos XIX e XX. Estes *walking tours*, que são realizados várias vezes ao dia, nos bairros adjacentes ao museu, têm uma duração de cerca de duas horas e desenvolvem-se segundo diversos itinerários dedicados ao tema do trabalho e do comércio, dos locais de reunião de estudo e oração, de comida, etc.

Em Hong Kong, (bairro de Kowloon), encontramos, por sua vez, um projeto ainda mais similar em objetivos e modalidades ao Migrantour: o African Community lançou uma série de visitas interculturais dedicadas ao bairro e de particular modo ao *Chungking Mansions*, um grande edifício de 17 pisos onde vivem e trabalham cerca de 4.000 pessoas de mais de cem nacionalidades diferentes. Aqui, migrantes e refugiados de origem africana, depois de ter frequentado uma série de encontros formativos, acompanham cidadãos e turmas de alunos chineses, cujas escolas estão abrangidas por projetos finalizados ao trabalho de desconstrução dos preconceitos que os jovens nutrem em relação aos migrantes africanos.

Considerando os elementos comuns, a rede Migrantour poderá desenvolver sinergias com estas e outras realidades, criando conexões dentro e fora do território europeu, a fim de cada vez mais abranger um número crescente de cidades. Uma série de critérios éticos e de boas práticas já foram identificados para que quem esteja interessado em contactar e passar a fazer parte da rede possa ser orientado de modo claro e transparente, a fim de poder vir a desenvolver as potencialidades do seu próprio território no âmbito do turismo urbano intercultural. Qualquer cidade pode desenvolver o seu Migrantour, porque cada cidade, das grandes metrópoles globais nos pequenos centros de província, pode ser descoberta através do olhar de quem tem na sua história pessoal ou familiar experiências de migração, seguindo os vestígios das viagens e dos intercâmbios que desde sempre transformaram os locais onde habitamos. E estes vestígios poderão ajudar-nos a redescobrir elementos comuns sobre os quais construir dia a dia uma cidadania europeia verdadeiramente acolhedora e respeitadora das múltiplas diferenças.